

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Isabela Fonseca Cardoza**

**Da Montagem Perversa ao Discurso do Capitalista no laço da atualidade *ou do*  
*absurdo ofertado como uma flor...***

**Mestrado em Psicologia Social**

**SÃO PAULO  
2009**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

**Isabela Fonseca Cardoza**

**Da Montagem Perversa ao Discurso do Capitalista no laço da atualidade  
*ou do absurdo ofertado como uma flor...***

**Mestrado em Psicologia Social**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Raul Albino Pacheco Filho.

**SÃO PAULO  
2009**

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

*Porque o passado me traz uma  
lembrança. Do tempo que eu era ainda  
criança. E o medo era motivo de choro  
Desculpa pra um abraço ou consolo*

*Hoje eu acordei com medo  
Mas não chorei, nem reclamei abrigo  
Do escuro, eu via o infinito  
Sem presente, passado ou futuro  
Senti um abraço forte, já não era medo  
Era uma coisa sua que ficou em mim  
E que não tem fim...*

*Cazuza*

A minha mãe por ter dado em um tempo perdido na memória a autorização amorosa, intempestiva e necessária de uma mãe para fazer valer o desejo de uma filha de se aventurar no desconhecido. *Mas você, minha filha, não gosta de correr riscos?*

## Agradecimentos

*“Num deserto de almas também desertas, uma alma especial reconhece de imediato a outra.”*

*Caio Fernando Abreu*

Nesta parte do trabalho quis apenas que agradecimentos pudessem ser feitos sem pudores. Palavras graves, agravadas de afeto.

Agradeço aos meus pais, por serem tão meus pais, ao me sustentarem com o que pais podem ter de humano para amparar o susto de uma filha no desencontro com uma cidade tão estrangeira.

A minha avó por sentir sempre a minha falta, a falta de uma neta, que nunca partiu em sua memória. Por sentir a minha presença ausente em sua vida. Mas, principalmente por me inventar sonhos possíveis de resistência e ligar em uma tarde qualquer chorando copiosamente de saudades. E dizer: *hoje não quis tomar meus remédios, estou chorando de saudades suas. Nada de remédios com chá.*

Ao meu irmão por ficar com tamanha tranqüilidade enquanto eu partia sempre...

A minha tia por ser tão extensa que não caberia em nenhuma palavra.

Aos meus avôs, materno e paterno *Antônio Fonseca e Bernardino Cardoza (i.m)*. Por me deixarem na memória a possibilidade da lembrança, a possibilidade de criação com as lembranças e trazer notícias de quando ainda éramos crianças, quando já se precisa com urgência crescer, quando já se cresceu.

Aos meus amigos ficados e quem nem sei mais por onde podem estar *Caroline, Ana Elisa, Sheila, Sulika*. Que na volta me abraçavam sempre igual. Convidavam-me sempre igual, me recebiam. E por serem adoráveis em suas diferenças.

A minha querida *Jô* pelos muitos passeios, histórias, afetos e uma amizade construída no tempo das cartas, grandiosa, indignada, como só ela sabe ser.

À *Angela* por vir ao meu encontro em São Paulo e cometer este completo desatino. Por ter a sensação de conhecê-la desde sempre. Por ouvir minhas histórias, soluços, espantos, repetições estruturais, brutais e as reafirmações mais inconseqüentes

possíveis. Enfim, por ouvir e suportar o abuso da minha inocência e por fazer desta mesma inocência algo seu e até bonito, não beirasse por vezes uma delicada estupidez. Por guardar pedaços de histórias indevassáveis. Cumplicidade, lealdade talvez sejam palavras que comportem... *Te desejo uma fé enorme, em qualquer coisa, não importa o quê, como aquela fé que a gente teve um dia, me deseja também uma coisa bem bonita, uma coisa qualquer maravilhosa, que me faça acreditar em tudo de novo, que nos faça acreditar em todos de novo...*

A minha querida *Ariana* por ser tão simples e encantadora e acolher minha simplicidade feito sua. Por me ensinar que para além das renúncias, pode haver ainda mais renúncias que, para além das dificuldades, só existem ainda outras a serem enfrentadas. Por partir pra vida com uma inocência brutal feito a minha. Por se abismar como eu. Por esquecer-se de seu telefone, perguntar-me e eu ter esquecido o meu! *Ariana*, acredite, está amanhecendo no Rio. Estamos amanhecendo aqui. Você acredita? Eu também não. Olha a cor do céu e não é que é azul! Os outros são todos cinzas. *Ariana* querida, você está em um aquário? Por ocupar um lugar antes desocupado, por se colocar feito família em minha vida. Feito cúmplice, feito amiga, feito irmã com tamanha lealdade. Feito algo para o qual não se pode deixar de ir, ir até Porto Alegre lhe encontrar e ter de se deparar com um encontro de indígenas em certo centro de tradições gauchas e outras variações e equívocos da vida que fazem valer a pena. *“E onde buscas o anjo sou mulher. E onde voas bem alto sou o chão. E onde pisas o chão minha alma salta e ganha liberdade na amplidão”*

Ao meu querido *Flávio* por me receber sempre em minha cidade, nas voltas que faziam de cada partida uma leve despedida insuportável e por me fazer Sorrir em tudo isso. Por ouvir uma, e mais uma, e mais mil vezes as minhas, as nossas músicas. *Você chega assim sorrindo como se fosse a primavera e eu morrendo. Quem lhe disse que eu era riso sempre nunca pranto. Como se fosse a primavera não sou tanto.* Por me apresentar muitos lugares, Rio, Porto Alegre, Salvador, Aracajú, Maceió... A sua casa. Por ser um companheiro de viagem, de muitas viagens. As sem volta. Por me convidar a ler seu projeto de mestrado, e se aventurar como eu, nesta loucura e me enlouquecer junto, com as páginas, as margens e todo tipo de variações de indagações periféricas?!?! Por se transformar na minha vida... Em um amigo, em mais, ainda... E que bom que as palavras não dão conta de sustentar. Enfim, por ser tão familiar, tão importante, tão

querido, tão cruel, intratável, tão insubstituível... *Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada. Terá tido ela saudades do futuro?*

Aos amigos construídos no depois, no deserto de almas, no caos, nos encontros do laço social, aos mineiros, aos cariocas aos baianos, aos paulistas e paulistanos e por que não dizer aos paraenses também, aos de muitos lugares.

Aos de lugares inventados, invenções de São Paulo: *Bruno* e *André* por serem maravilhosos, grandiloqüentes, fascinantes e para estes têm de serem usadas palavras assim, grandes, enormes, imensas. Por serem abusivamente amigos e acolhedores. *Qual é o peso da luz?*

Ao *Fábio* e *Roberto* por comportarem também palavra como, acolhedores e amigos em tempos de desarrimo...

À *Raquel* que depois de dois anos de estada em SP me convida a entrar na sua casa, e deixa que eu possa me fazer sua amiga, dividir dilúvios e calmarias, com cumplicidade, com amizade, com o que se pode dizer dos caminhos do sensível. À *Viviane* que me aparece com uma coisa em meio a mestrados sérios e compenetrados, com uma bolsa escrita: “Vá à Praia” em um dia frio e cinza de São Paulo. Que na distância França – Brasil, procura uma amiga, dedica-se a buscar e falar a sustentar uma amizade. À *Roberta* pela amizade que convida a ir ao teatro, a entrar em SP.

À *Beth*, *Sayuri* e *Satie* pelo carinho e encanto nos encontros cheios de afeto.

À *Manuela* pelas extensões, pelas muitas conversas, afetos, confiança e risadas confidentes. Por me fazer pensar que ainda é possível ficar. E a todos os outros companheiros de mestrado e de encontros pelas muitas disciplinas: *Conrado*, *Paula*, *Marcos*, *Vinícius*, *Duda*, *Nadir*, *Celso*, *Allan*, *Stella*, *Cynara*, *Ladislau*, *Célia*, *Bruno*, *Sandra*, *João* ...

À *Rinalda Duarte*, por ocupar tão bem um lugar de suposto. Por ajudar a refazer os castelos, antes de areia, depois de concreto. Por fazer de acontecimentos devastadores, experiências possíveis, vivíveis. Castelos refeitos. Porém, ainda assim, castelos... *Numa cidade toda feita contra ela.*

Ao prof. e orientador *Raul* por ser exigente o bastante ao ponto de tornar rigoroso e confiável o ensino da psicanálise na universidade. Mas, principalmente por respeitar a escolha de um tema e embarcar junto, defender junto, com rigor, com dificuldade, com os tempos de ver, compreender e concluir de um orientando que foge



aos tempos datados da academia. Que tem de se render aos tempos da academia e ir além.

À *Ana Vicentini* do Corpo Freudiano de São Paulo, por me receber e me apresentar a possibilidade de uma formalização de escola de psicanálise que pudesse sustentar a participação de um sujeito, de uma psicanálise fora das formalizações da universidade, de uma psicanálise fora das formalizações do capitalismo. Por sustentar a possibilidade da entrada da psicanálise em São Paulo e por comportar tão bem a palavra *inspiração...*

A profa. *Miriam Debieux Rosa* por me apresentar a disciplinas pertinentes, questionadoras e indagadoras de algo que me era tão inquietante: o mal-estar, os muitos, os na sociedade, os na família, os na vida. E principalmente, os no decorrer da escrita de uma dissertação. Por ajudar a pensar junto sobre meu tema, por tratá-lo, por deixá-lo mais ao meu alcance em suas disciplinas, mais a minha possibilidade de poder sim, escrever sobre... E pensar em continuar...

Aos Professores *Rinaldo Voltolini* e *Sandra Dias* por aceitarem o convite de fazer este estudo de alguma forma continuar.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa inicial concedida;

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa concedida posteriormente.

## RESUMO

O caminho dos referencias escolhidos para trabalhar neste estudo inclui inicialmente os textos de Freud *A psicologia das massas e análise do eu* de 1921 e *O mal-estar na civilização* de 1930. Posteriormente, os referencias sobre a denominação *montagem perversa* serão apontados para tratar de uma instrumentalização do fantasma neurótico no laço, o que anuncia o milagre de ter como sabido o saber suposto ao pai, permitindo assim, que este pudesse ser compartilhado no laço, uma saída da neurose ou a possibilidade da sutura frente à inconsistência. A *montagem* figuraria uma apropriação da lógica capitalista no laço. Logo, a teoria dos quatro discursos de Lacan desenvolvida no seminário 17, *O avesso da psicanálise*, será abordada como um instrumental elaborado por Lacan para tratar de quatro formalizações do laço social: o discurso do *mestre, da histérica, do universitário e do analista*. Este percurso caracteriza a primeira parte do trabalho. A partir de então, propõe-se abordar a questão central e objetivo deste estudo, a saber: o *discurso do capitalista*, apontado por Lacan como uma *corruptela do discurso do mestre*, que viria de maneira pungente para dar conta do liame hegemônico da atualidade. O intuito do estudo é analisar o *discurso do capitalista* como um enlaçamento capcioso com os objetos produzidos pela tecnociência, os *gadgets*, no discurso corrente, que serão denominados por Lacan de *latusas*. Estes objetos formalizariam a promessa de sutura precária e impossível da falta, promessa de uma felicidade toda no laço. O *discurso do capitalista* seria, portanto, um desserviço ao sujeito desejante. Portanto, interroga-se: pode-se pensar em um soterramento de felicidade prometido ao sujeito via objeto? O sujeito soterrado pelos objetos da tecnociência nos extravios da atualidade. Extravios no sentido do discurso capitalista provocar um (des)curso, no que se refere ao mal-estar inerente ao humano no laço pela tentativa de aniquilação da falta. Uma violência no que diz respeito à elisão da hiância própria ao sujeito desejante. Isto seria a forma de instrumentalização do fantasma neurótico no laço através do discurso do capitalista. Destarte, interrogamos: como o humano existe na montagem atual do “*eu- mais- tudo- sempre - o melhor- demais- mais ainda*”? Estes são os objetivos e inquietações que este estudo pretende interrogar.

**Palavras-chave:** *Psicanálise; Discurso do Capitalista; Montagens Perversas; Contemporaneidade.*

## **Abstract**

The path of references to work in this study includes, initially, the texts by Freud *Group Psychology and the Analysis of the Ego* (1921) and *Civilization and its Discontents* (1930). Secondly, the references about the so called perverse setting will be used to discuss the instrumentalisation of the neurotic phantom in the tie which announces the miracle of having the father's supposed knowledge as a known fact. It allows this knowledge to be shared in the tie: a way out of the neurosis or the possibility of a complete suture. This setting would be an appropriation of the capitalist logic in the tie. Therefore, the theory of the four discourses by Lacan developed in the Seminar book 17, *The Other Side of Psychoanalysis*, will be taken as a tool developed by Lacan to deal with four formalizations of the social tie: the discourse of the master, the discourse of the hysteric, the discourse of the university and the discourse of the analyst. The presented path describes the first part of this study. In the second part, we propose to hold a discussion about our main question and objective: the discourse of the capitalist pointed by Lacan as a corruption of the discourse of the master that would painfully come to hold the hegemonic tie of our times. The aim of this study is to analyze the discourse of the capitalist as a fallacious tie with objects produced by techno-science, gadgets, in the current speech which were called *latusas* by Lacan. These objects would formalize the promise of a weak and impossible suture of the lack, promise of a complete happiness in the tie. The discourse of the capitalist would be an ill turn to the desiring subject, then. Hence, we ask: Could we think of a promise of a happiness covering up to the subject through object? The subject covered up by techno-science objects in the misleading of our times. Misleading in the sense of the discourse of the capitalist producing a (dis)course referring to the discontents inherent to the human in the tie by the trial of extinguishing the lack: violence in the elision of the ingrained hole of the desiring subject. That would be the instrumentalization of neurotic phantom in the tie trough the discourse of the capitalist. Thus, we ask: how does human survive in the now existing setting of “me-more-all-always-the best-too much-even more”? These are the objectives this study aims to put in question.

**Palavras-chave:** Psychoanalysis; Discourse of the capitalist; Perverse setting; Contemporaneity.

## **Sumário**

<b>1 Introdução</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 1 – As proposições de Freud diante:</b>	<b>25</b>
1.1 Das massas: a sustentação de um ideal no laço	<b>25</b>
1.2 Do mal - estar na cultura: <i>estamos meu bem por um triz pro dia nascer feliz...</i>	<b>34</b>
<b>Capítulo 2 – A “montagem perversa” - instrumentalização do fantasma neurótico</b>	<b>44</b>
2.1 A “montagem perversa”, ou melhor, <i>a instrumentalização do fantasma neurótico no laço compartilhado</i>	<b>44</b>
<b>Capítulo 3 – Os discursos e a Psicanálise</b>	<b>50</b>
3.1 É possível uma tipologia dos discursos?	<b>50</b>
3.2 Os quatro discursos de Lacan	<b>53</b>
3.3 O discurso do Mestre	<b>61</b>
3.4 O discurso da Histórica	<b>62</b>
3.5 O discurso do Analista	<b>65</b>
3.6 O discurso do Universitário	<b>68</b>
<b>Capítulo 4 - O Discurso do Capitalista</b>	<b>73</b>
4.1 Um discurso astucioso por excelência: <i>decifra-me ou te devoro</i>	<b>73</b>
<b>Capítulo 5 - A título de Inconclusões</b>	<b>85</b>
5.1 – A Inércia Totalitária do laço e a psicanálise na atualidade ou <i>para que não se esteja a querer inventar a máquina de fazer felicidade...</i>	<b>85</b>
<b>6. Referências Bibliográficas</b>	<b>90</b>

*“Quem são os meus contemporâneos? – pergunta-se Juan Gelman. Juan diz que às vezes encontra homens que têm cheiro de medo, em Buenos Aires, em Paris ou em qualquer lugar, e sente que esses homens não são os seus contemporâneos. Mas existe um chinês que há milhares de anos escreveu um poema, sobre um pastor de cabras que está longe, muito longe da mulher amada, e mesmo assim pode escutar, no meio da noite, no meio da neve, o rumor do pente em seus cabelos; e lendo este poema remoto Juan comprova que sim, que eles sim: que esse poeta, esse pastor e essa mulher são seus contemporâneos.”*

*Eduardo Galeano.*

*“Queria saber: depois que se é feliz o que acontece?”*

*Clarice Lispector.*

## Introdução

*Eu poderia resolver pelo caminho  
mais fácil, matar a menina-infante,  
mas quero o pior: a vida. Os que me  
lerem, assim, levem um soco no  
estômago para ver se é bom.  
A vida é um soco no estômago.  
Clarice Lispector<sup>1</sup>*

*Ya estoy en la mitad de esta carretera  
Tantas encrucijadas quedan atrás  
Ya está en el aire girando mi moneda  
Y que sea lo que  
Sea*

*Lo que tenga que ser, que sea  
Y lo que no por algo será  
No creo en la eternidad de las peleas  
Ni en las recetas de la felicidad...<sup>2</sup>*

O capitalismo sempre esteve em pauta como tema de estudo por muitas áreas em sentido lato. Desde a sociologia, filosofia, história, antropologia entre outras, o capitalismo, a partir do legado de Marx com sua teorização a respeito da pujança do *capital*, continua sendo ao longo do tempo marcadamente um tema de grande ingerência. Neste cenário, Debord, Baudrillard e Bauman destacaram-se como pensadores importantes dentre outros, no que diz respeito aos avatares do capitalismo e suas modificações ao longo do tempo. Nos escritos sobre *A sociedade do espetáculo*<sup>3</sup>, Debord denuncia a alienação através da espetacularização da realidade e da submissão do homem ao mundo do trabalho. Na mesma linha, Baudrillard, filósofo, sociólogo e poeta francês denuncia que *Deus não morreu, tornou-se hiper-real*. A atualidade participa de um *crime perfeito: um crime sem autoria, sem culpado! No fundo todos nós somos autores*. Estaríamos destinados à pujança do capitalismo ou ao pior?

---

<sup>1</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela* de Lispector, 1977. p. 102.

<sup>2</sup> Trecho da música: *Sea*, composição de Jorge Drexler.

<sup>3</sup> Para uma leitura mais apurada sobre a obra de Guy Debord consultar o livro *A sociedade do espetáculo* de 1967, publicado pela editora Contraponto, 1997.

A respeito do que estes autores corroboraram como *o pior*, ou o incomensurável do contemporâneo e a sociedade do império do capital, nos propusemos, neste estudo, a interrogar: mas, e a psicanálise, o que tem a dar de testemunho sobre o capitalismo em que aportamos? É possível para a psicanálise falar do social, do contemporâneo e dos percalços do sujeito no liame da atualidade?

É sabido que, no cerne do método psicanalítico, está a clínica, pois Freud jamais observou cisão entre a teoria e a prática. Tudo o que criou enquanto teoria, veio dos mitos e da fala de seus pacientes, sua metodologia estava no *fazer falar*, no dar voz a um drama humano chamado sofrimento, embora este sempre estivesse ali. Como nos diz a letra: *o homem com sua dor é muito mais elegante, caminha assim de lado como se chegando atrasado, andasse mais adiante, carrega o peso da dor como se portasse medalhas, uma coroa, um milhão de dólares, ou coisa que os valha, ópios, édens, analgésicos, não me toquem nesta dor, ela é tudo que me sobra, sofrer vai ser a minha última obra, viver vai ser a nossa última obra*<sup>4</sup>. A psicanálise foi lá, tocou e fez disto a sua obra.

A psicanálise, portanto, nasce para tratar o até então intratável. Inaugurada pelo testemunho de Anna O. do epicentro de sua histeria em meandros de 1893. “A psicanálise nasce, assim, tributária da mulher e de seu sofrimento”<sup>5</sup>. Freud, portanto, não foi criador do *mal-estar*, porém, o denunciou de um lugar único, ímpar e completamente inédito.

Steffen<sup>6</sup> considera que “a psicanálise vem dar voz à subjetividade moderna, caracterizada pela divisão radical entre a razão que pretende tudo dominar e saber, e o domínio do inconsciente que reina absoluto”. Psicanálise, portanto, não é psicoterapia, tratamento do psíquico, terapia do psíquico, é uma *psí-co-análise*, descreve o psíquico de um jeito novo, para além da consciência, da data ou da quantificação. É completamente subversiva ao tempo da razão. Resiste à razão, escapa, é hostil. *Foram necessários cem anos para que a psicanálise conseguisse romper completamente o espartilho moralizador que sufocava as grandes damas históricas da época. Porém, o excesso de oxigênio também não comporta perigos?*<sup>7</sup> Os perigos da ordem de um saber até então inédito ao universo da ciência vigente, da sociedade vigente, os perigos do que se

---

<sup>4</sup> Música: *Dor elegante* – Zélia Duncam.

<sup>5</sup> STEFFEN, R. *Freud Pensador da Civilização: os domínios da arte*. Texto apresentado no curso introdutório à Obra de Sigmund Freud da Associação Campinense de Psicanálise, 2005. p. 3.

<sup>6</sup> Idem, p. 2

<sup>7</sup> PIERRAKOS, M. A “*batedora*” de Lacan. São Paulo: Perspectiva, 2005.

chamará de *inconsciente*. A psicanálise inaugura uma nova forma de laço. Um laço que comporta um escândalo para sua época, o escândalo do que prescinde dos tempos da razão. O escândalo do que retira o homem de seu epicentro racional e circunspecto. Com a psicanálise as dimensões do humano tornam-se imprecisas.

Gazia-Rosa<sup>8</sup> aponta no texto intitulado *Onde situar a psicanálise* que, a esta, não podemos eleger um lugar cartesiano. É enfático ao citar Freud para nomeá-la como a *terceira grande ferida narcísica* sofrida pelo mundo ocidental. Posterior as outras duas chagas abertas por Copérnico e Darwin. A psicanálise é detentora do legado de produzir um desmoronamento da razão e da consciência de seu lugar sagrado e profícuo. “(...) Ela é prevaricadora, ofende a razão e os bons costumes, se aponta a consciência não como lugar da verdade, mas da mentira, do ocultamento, da distorção e da ilusão (...)”. Continua, dizendo que a psicanálise coloca a razão sob suspeita, por considerá-la farsante. Uma consideração subversiva e essencialmente inédita, que eleva a psicanálise ao patamar de uma filha natural. Uma filha natural parida de um parto difícil é bem verdade. Porém, de um pai atento, primoroso e audaz. Filha esta, que não pode ser situada em nenhum lugar preexistente, pois traz uma ruptura com o saber vigente ao propor uma *clivagem da subjetividade*, um lugar de escuta a ser cravado em pleno o século XX. Inaugura assim, seu próprio lugar, o lugar de uma escuta ímpar no discurso do singular e do humano.

Porém, o que desejamos destacar neste estudo é que, perante esta escuta do discurso do singular e do humano, a psicanálise não se fez rogada ou inocente diante das questões sociais de seu tempo. Freud não hesitou diante dos questionamentos acerca do social. Não cessou de registrar no arcabouço de sua obra a importância da inscrição do sujeito no laço social. E avançou, dizendo de suas conseqüências e enredamentos, inconsistências e impossibilidades diante desta inscrição e de cada singularidade lançada e constituída no campo da cultura. Os textos *Totem e Tabu*, de 1913; *Psicologia das massas*, de 1921; *O Futuro de uma ilusão*, de 1927; *O Mal-estar na civilização*, de 1930; *Moisés e o Monoteísmo*, de 1939, dentre outros, já marcavam o gênio de Freud no que se refere ao humano no liame social. Como nosso passado arcaico e completamente pungente que continua e resiste vivo dentro de nós se reverbera em nossos laços sociais? Se nossas produções culturais como a arte, a religião e a ciência não conseguem fazer

---

<sup>8</sup> GARCIA-ROSA, L. A. *Freud e o inconsciente*. 18 ed. Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001. p. 21.



descansar nossos males, o que fazer com o que resta, o que fazer com este fracasso? As inconclusões, ideais, inconsistência, fortaleza e candura de nossos laços são lembranças do que há de mais particular e inconquistável em cada um nós? Afinal, o sujeito está no social com tudo o que lhe resta de incivilizável, não tem como prescindir da cultura. Pois, o que permite a psicanálise estar no mundo é que seu sujeito é um sujeito no mundo, não está apartado. O isolamento é uma quimera.

Em *Psicologia das massas e análise do eu*, de 1927, Freud já nos avisa de que nossa vida psíquica em nada difere da coletividade e do humano posto no social, pois é do outro que tomamos a referência, os traços para construção de uma fantasia primordial e singular que irá nos sustentar nos laços. Maurano<sup>9</sup> nos lembra o ensino de Lacan, para dizer que o campo do Outro é exterioridade, assim sendo, o que está no íntimo de nós. O campo da linguagem em confluência a fundação de nossos desejos, é a razão pela qual o *inconsciente é social*.

Para tanto, Lacan nos propôs o estudo sobre a *Banda de Moebius*, objeto conforme Maurano, que subverte a noção de espacialidade como dentro/fora, assim como Freud já havia apontado a transgressão da noção indivíduo/sociedade. Pois, a *banda* sob efeito de torção permite *um mesmo espaço de representação*, indiviso, indissociável entre uma exterioridade/interioridade. Completamente subversivo à antiga noção de dualidade intransponível. *Pode-se dizer que nossa interioridade é uma dobra da exterioridade e, nesse sentido, percebe-se que as acusações que caíram sobre a psicanálise, criticando nela um afastamento do social, não revelam senão um desconhecimento um não-entendimento das proposições mais básicas.*<sup>10</sup>

Lacan, na *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*<sup>11</sup>, lança o que chama de *psicanálise em extensão* e *psicanálise em intensão*. Neste seminário, anuncia duas formas da transmissão da causa psicanalítica, a *psicanálise em intensão*, que guarda os pilares destinados a clínica: estudo teórico, análise pessoal e supervisão; e a *psicanálise em extensão*, destinada ao dever de tornar esta causa presente no mundo, entendendo-se a dimensão da pesquisa e o diálogo com o laço social no limiar de outros saberes. É desta última que se pretende utilizar neste projeto de pesquisa, sabendo-se que esta não trata de uma mera aplicação de conceitos a necessidades de um

---

<sup>9</sup> MAURANO, D. *Para que serve a psicanálise*. Rio de Janeiro, Ed: Jorge Zahar, 2003.

<sup>10</sup> Idem, p.52/53.

<sup>11</sup> LACAN, J. *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*. In: *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

social vigente. Porém, e principalmente, opera no sentido de movimentar o saber psicanalítico. A psicanálise e suas implicações para manejar o social.

Desta forma, conforme já anunciado, o caminho dos referenciais psicanalíticos escolhidos para trabalhar neste estudo situa-se especialmente a partir do legado de Freud e Lacan a respeito do campo: psicanálise e sociedade. Deste campo, alguns textos foram elencados para tratar do tema em questão. No que diz respeito à obra de Freud, o que se refere aos textos mais conhecidos como culturais e de Lacan, seus seminários e referenciais que tratam especialmente da questão do laço social e da formulação dos quatro discursos, mas principalmente no que se refere ao discurso do capitalista, discurso hegemônico para situar o sujeito no contemporâneo.

Os referenciais escolhidos para o percurso desta pesquisa serão tratados da seguinte maneira: em um capítulo inicial, pretende-se discutir o texto de Freud *A psicologia das massas e análise do eu* de 1921, para traçar a questão do *esquema dos nós* apresentados por Freud. A definição de laço social, a partir da identificação que o sujeito faz com o Ideal do grupo, abordada para tratar do Ideal do eu representado por uma baliza que captura o sujeito em uma identificação alienante principalmente no que vem marcar a questão da identificação realizada com o desejo do Outro.

Outro consistente e impositivo encarnado no imaginário social através da figura dos líderes e insígnias fálicas da cultura. Como a massa sustenta um Ideal? Como a massa sustenta a figura de seus líderes? Como as insígnias fálicas encarnadas no social sustentam a massa em um laço alienante? Quais as insígnias fálicas da atualidade?

Lacan irá chamar atenção para o parentesco funcional entre o Ideal do eu e o superego, chegando a tomá-los como sinônimos na ordem de um *imperativo*. Porém, desde Freud, este irá nos dizer que o superego é kantiano. Trata, portanto, de um imperativo categórico. O que implica dizer de uma interdição ao gozo absoluto, porém que também impõe um “goza!” ali onde lhe interdita, goze, e goze ao máximo. Tal parentesco funcional atentado por Lacan nos será imprescindível para adotar a análise que Freud faz a partir da análise sobre a psicologia das massas, quando este confere que um discípulo escolhe um mestre ao tomá-lo como Ideal. A encarnação de um Outro potente. Na cultura, assevera Freud, este Ideal pode ser tomado como o exército, o Estado, a igreja, o nazismo... E nos vale indagar: e no laço da atualidade, seria o capitalismo uma potência encarnada como um Outro pronto a comandar sobre o

imperativo e a avidez do consumo? Esta é uma primeira questão colocada para fazer avançar este estudo.

Posteriormente, o texto sobre *O Mal-estar na cultura* de 1930 será abordado como um legado de Freud de extrema relevância, sobretudo para testemunhar seu escrito, quando propõe que a potência de tornarmo-nos felizes que o princípio do prazer nos arrebatava não tem como ser efetivada. Isso ocorre, pois há sempre algo da ordem do inconquistável e inefetável e a felicidade plena e incólume não passa de um engodo que o humano está fadado a se destinar para irromper no laço social. Pois, quando a escolha é pelo laço, prescindir do mal-estar é um fracasso do humano. É o seu drama estrutural. Portanto, um inibidor primoroso que possa aplacar o *mal-estar* é uma impossibilidade que consta no estrutural do sujeito através da barreira da linguagem. Pois, é justamente por se fazer humano, que o sujeito desejante paga o preço de se destinar a estar no laço designado a ter de se haver com o mal-estar. Sustentar uma perda de gozo necessária para aceder à condição desejante é o preço da cultura. O apreço do desejo.

Freud se propõe a questionar então: como prescindir do mal-estar para a crença na religião, medicina ou no progresso? A religião, a ciência e a medicina seriam saberes propostos para tentar colocar um saber, uma garantia onde haveria apenas uma ausência de saber que pudesse completar o humano. Como a intoxicação e os progressos da ciência poderiam propor a conquista de um mundo melhor, sem males, se tudo o que temos é um viver sem garantias? O que Freud nos ressalva acerca do mal-estar na cultura diz respeito à advertência de que por mais que nos proponhamos a criar todo tipo de saber, estratégias, ciladas, descaminhos ou desvios para suportar a “dor e doçura de viver”, o mal-estar é inerente ao humano no laço. Para tanto, aponta o fato de que *não podemos pular para fora deste mundo*.<sup>12</sup> A felicidade plena é um engodo, é o que o *mal-estar* nos anuncia. “Sem choro, nem vela”. Como nos faz lembrar a delicada passagem do livro do escritor cubano quando nos lança - *a liberdade é como a felicidade: não chega nunca. Nunca se tem completa. É só um caminho. A gente caminha atrás da liberdade e da felicidade. E assim se vive*.<sup>13</sup>

Destarte, indagamos acerca da atualidade: porém, se o que Freud propunha seguia o rastro de uma perda de gozo necessária e incólume ao humano para se fazer

---

<sup>12</sup> GRABBE, Christian Dietrich, apud FREUD, S. *Mal-estar na civilização*. 1930, p. 74.

<sup>13</sup> GUTIÉRREZ, Pedro Juan. *Animal Tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

desejante, como o humano comparece a condição de desejante na atualidade, ao passo que às promessas do laço destinam um humano suturado via imperativo de gozo? Soterrado de felicidade por meio de objetos de consumo criados pela ciência e lançados no mercado pelo capitalismo! Talvez seja a resposta precária de sutura à falta que a atualidade nos promete e que nos interessa trabalhar nesta pesquisa a fim de que possamos nos inquirir sobre que discurso é este. Discurso tal que convoca o humano a provocar um aplacamento do mal-estar para sustentar uma devastação própria e voraz do capitalismo avançado. O que desejamos abordar versa do lugar da degradação do laço com outro para aceder ao laço com o objeto, *objeto-fetice*, chamado por Lacan de *latusas*.

Tendo discutido as questões traçadas a partir do texto de Freud sobre o *Mal-estar na cultura*, avançaremos no segundo capítulo para considerar o conceito de *montagem* que pretendemos nos ater como uma primeira etapa para avançar acerca das proposições sobre o sujeito no laço social. As referências de Lacan, tomadas pelo percurso de Calligaris<sup>14</sup> nos serão caras, pois o objetivo do estudo é partir de uma apreciação relativa ao conceito de *montagem perversa* definido por Calligaris, para seguir desta conceituação afirmando que não trataremos neste trabalho da perversão como estrutura, pois a finalidade é dizer de um laço atado por neuróticos, ou melhor de uma instrumentalização do fantasma neurótico no laço social conforme irá nos apontar Safatle.<sup>15</sup> Para que posteriormente no decorrer do desenvolvimento do trabalho possamos alcançar nosso objetivo que perfaz na definição dos discursos de Lacan para tratar o liame e finalmente alcançar a definição do discurso hegemônico da atualidade, o *discurso do capitalista*.

O terceiro capítulo, por sua vez, abordará as questões colocadas no seminário livro 17 por Lacan: *O avesso da psicanálise* de 1969-70. Para tanto, partiremos da formulação de que o discurso é o próprio laço social e, portanto, corresponde a um modo, um aparelhamento do gozo. Quinet<sup>16</sup> aponta “uma *metabolização do gozo* a qual se pode reatar com uns e cortar, romper com outros”. Para tanto, os discursos falam de

---

<sup>14</sup> CALLIGARIS, C. *Perversão – um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural Jaques Lacan, 1986.

<sup>15</sup> SAFATLE, V. P. *Depois da culpabilidade*. In: Dunker, Christian; Aidar, José Luiz. (Org.). *Zizek Crítico: política e psicanálise na época do multiculturalismo*. São Paulo: Hacker Editores, 2005, v. , p. 119-138

<sup>16</sup> QUINET, A. *Psicose e Laço Social: esquizofrenia, paranóia e melancolia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 52.

um determinado laço que propõe a trama entre o sujeito e Outro, *feitas de libido e tecidas de linguagem*. Seguiremos com a questão, dizendo que os discursos possuem uma descontinuidade, um *não-todo*. Este, já proposto por Freud sobre a impossibilidade das profissões: *governar, educar, analisar* e Lacan avança, com a de *fazer-se desejar*, os discursos formalizariam assim, aparelhamentos distintos de ato: o ato de governar, questionar, educar e analisar. A lei, o sintoma, o saber e o objeto a.

Logo, apresentaremos os quatro discursos de Lacan que se denominam: *o discurso do mestre, da histórica, do analista e do universitário*. Dos quais se inicia com *discurso do mestre*. Discurso fundador da cultura, que traz no cerne a dialética do senhor e do escravo apontada por Hegel. No *discurso do mestre*, mestre/senhor (S1) comanda um escravo (S2) para produzir objetos (a) dos quais ele irá gozar. O interesse do discurso do mestre é fazer com que as coisas andem, circulem – funcionem. O laço atado aponta: o que o senhor quer saber é apenas que o outro trabalhe. No *discurso da histórica* a dominante é a dúvida, a dúvida irrompe o laço. A interrogação que põe o sujeito em questão, o sujeito da razão é interrogado e impelido ao questionamento da certeza. A posição do \$ faz surgir a posição de analisando, por isto a denominação como discurso da histórica ou do analisando, é a tentativa das aparições do inconsciente, a possibilidade do não saber em meio as certezas que são da ordem da pessoa e não do sujeito, é o enigma imbuído na histerização do discurso. No *discurso do analista*, o objeto a ocupa a posição de agente. Isto significa que inicia do que resta na cadeia significante para que o discurso se movimente. O objeto a, como causa do desejo, está em jogo para causar o desejo do outro, para fazer surgir a divisão do sujeito que lhe marca como sujeito desejante. E no *discurso do universitário* a educação é posta como questão, a educação e a impossibilidade de educar, pois educar tudo é da ordem do precário, ou mais, do impossível. Há um limite em tudo saber na certeza de que se pode saber da completude ou à própria revelia da completude, o outro produz seus próprios descaminhos que fazem barreira ao movimento de que tudo é passível de ser notório.

No quarto capítulo, o que segue o dos quatro discursos, debruçar-nos-emos sobre o tema central desta pesquisa, qual seja *o discurso do capitalista ou discurso do capitalismo*. Apontado por Lacan com menos veemência do que os outros quatro discursos, no seminário livro 17: *O Avesso da psicanálise*, o autor assinala este discurso, porém não lhe apresenta uma fórmula própria. É somente na conferência proferida em Milão em 12 de maio de 1972 que Lacan apresenta uma única vez a

formalização do discurso astucioso por excelência, uma *montagem em curto circuito*, ou *o pior*. Outras referências podem ser encontradas no seminário – livro 20 *Mais Ainda*, em *Televisão* e em textos ainda não publicados.<sup>17</sup>

O discurso do capitalista aparece como algo que versa sobre outra impossibilidade - a impossibilidade de sustentar o *mal-estar* incólume do humano no laço. O discurso aberrante e audaz portaria em seu algoritmo um (des)curso, algo que iria para outro lugar, um lugar de desencontro com a possibilidade do ser faltante. No qual algo que é da ordem do humano se extravia na pujança do capitalismo. Um desserviço ao sujeito desejante.

O discurso do capitalista será analisado como um enlaçamento capcioso com os objetos *latusas* que prometem a sutura precária e impossível da falta. Neste sentido, questiona-se: existiria um soterramento de felicidade prometido ao sujeito via *latusas* pelo discurso do capitalista? Uma perversão do laço que ao homogeneizar, propõe segregar e burlar a lei do sofrer em busca da completude? Interrogam-se neste trabalho os extravios da atualidade através do laço com os objetos que o discurso do capitalista realiza. Sujeitos neuróticos instrumentalizando no laço social uma fantasia de completude gozosa?

O livro intitulado *Por Causa do Pior* traz em seu prefácio a temática provocativa e instigante de que estamos em tempos em que tudo é da ordem do substituível e do efêmero: *Ninguém é Substituível*, diz o autor, no qual tece algumas palavras que nos chamam atenção a respeito da atualidade, pontuadas em expressões como: “o apagamento do sujeito, seu silenciamento... o sujeito não mais conta em sua particularidade, tampouco na sua divisão”<sup>18</sup>.

O humano em tempos de *qualidade total*<sup>19</sup>. As impossibilidades são abomináveis, sempre a meio caminho da superação, da *super* superação, das resoluções simples, com técnicas, ajustes plásticos, magnéticos, eletro-eletrônicos, uma verdadeira mágica do superar o humano, com acesso à demanda e à procura. Um mercado do indizível, do impalpável, do invisível, onde tudo pode ser dito, tocado e visto até o fim. E um fim com sucesso, é claro! O sucesso é fundamental, “o imperialismo do sucesso é palavra de

---

<sup>17</sup> LACAN, J. “*Le Séminaire, livre 18, D’un discours qui ne serait pas du semblant*”. (1970-1) *Le savoir du psychanalyste*”. Conferências no Hospital Sainte-Anne. (1971-2a) “*Le Séminaire, livre 19, “... ou pire*”. (1971-2b) Textos inéditos.

<sup>18</sup> COUTINHO, J. Ninguém é Substituível. Prefácio. In: *Por Causa do Pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 12

<sup>19</sup> MAURANO, D. M. *Em tempos de Qualidade Total*...In. Documentos, n.13, 2000. p. 1.

ordem”<sup>20</sup>. Amor, felicidade, sexo, satisfação, e tudo em suaves prestações de *gozo*, que podem ser à vista, ou em dízimo, ou como indelévels notas promissórias, notas do não doer, notas do apagar a dor humana, a falta, a angústia, o implacável do resto, que resta e que nunca será possível de ser completado.

É no intuito de discutir estas questões acerca do contemporâneo que o estudo visa tratar do *discurso do capitalista* proposto por Lacan e suas vias de sustentação através de uma *montagem em curto-circuito*<sup>21</sup>. Gonçalves<sup>22</sup> aponta o discurso do capitalista como uma *montagem discursiva em curto(-)circuito*. Pois, enquanto discurso não se sustentaria se tomássemos como análogo aos outros quatro, que se sustentam em uma descontinuidade e em uma perda de gozo no laço. O discurso capitalista apresenta-se como algoz de sua própria estrutura, uma estrutura voraz e fechada, compactada a girar e girar em um circuito encurtado. Curto-circuito, montado como um artefato fadado a rodar sem a possibilidade da descontinuidade que aporta os outros quatro discursos. *Um laço em curto (-) circuito, montagem discursiva capitalista*.<sup>23</sup> O que toma as proporções de tornar *o mal-estar em devastação, no que diz respeito ao sujeito desejante*<sup>24</sup>.

*As posições de fixações da fantasia poderiam ser igualmente indicadas na cultura*<sup>25</sup>. A fixação da *fantasia de completude gozosa, no pólo do gozo se traduziria pela pujança do capitalismo. O discurso capitalista contribui para a perversão do humano, ou seja, para seu curto-circuito*. Visto que a cultura contemporânea age no sentido de aniquilar fantasmaticamente a falta. *É o humano conectando o seu curto circuito pulsional com uma oferta incessante de imagens e objetos que assediando a sua demanda, curto-circuitam assim a humanidade de seu desejo*.<sup>26</sup> Portanto, o objetivo do trabalho, não é fazer qualquer tipo de patologização do social, generalização infundada ou propor talvez, um retorno aos “bons séculos”, o que recairia em um saudosismo infrutífero. É, porém, inquirir: como o humano existe na montagem atual de uma *lógica*

---

<sup>20</sup> *Idem*.

<sup>21</sup> GONÇALVES, L. H. P. *O Discurso do Capitalista: uma montagem em curto-circuito*. São Paulo: Via Lettera, 2000. p.114

<sup>22</sup> *Idem*.

<sup>23</sup> *Idem*, *ibidem*

<sup>24</sup> ALBERTI, S. (s/d) *O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura*. Disponível em: [www.gradiva.com.br/egrad.htm](http://www.gradiva.com.br/egrad.htm). Acessado em 18.06.08

<sup>25</sup> JORGE, M, A, C. *A travessia da fantasia na neurose e na perversão*. Estudos de Psicanálise. Publicação anual do Circulo Brasileiro de Psicanálise - Rio de Janeiro. Nº 29 Set/2006.

<sup>26</sup> FINGERMANN, D. *Os Destinos do Mal: Perversão e Capitalismo*. In: Por Causa do Pior. São Paulo: Iluminuras, 2005, p. 82.

*totalitária do eu- mais- tudo- sempre - o melhor- demais – mais ainda*<sup>27</sup>? Haja vista que nos adverte Freud no texto sobre o mal-estar referente à Goethe: afinal, *nada é mais difícil de suportar do que uma sucessão de dias belos*.<sup>28</sup>

Em 1966, em Liverpool, nasceram dois grandes grupos de rock: os Beatles e os Rolling Stones<sup>29</sup>. Os Beatles foram um cometa, deixando rastros da ordem do *insubstituível* até hoje. Os Rolling Stones persistem, insistem e pulsam. Enquanto o primeiro cantou *All you need is Love*, o segundo com a emblemática *Satisfaction: I can't get no satisfaction, But I'll try, but I'll try...* Canta a própria pulsão falando. O gozo é a busca da satisfação absoluta que se repete com uma intensidade impressionante, na medida em que há esse vetor insistente em nós, aponta Jorge neste escrito. *Tudo indica que M. Jagger cantará e dançará até os 80 anos. E nós com ele, o que é interessante. Será? Será que iremos prescindir de All you need is Love para cedermos à maior forma de dominação autoritária: a felicidade?*<sup>30</sup>. Felicidade na condição de plenitude? Ou suportaremos a pujança do cotidiano e nos aventaremos a sustentar o mal-estar do humano como versa a letra do samba que diz que *se não houver tristeza, o samba não fica bonito*<sup>31</sup>? Não queremos com isto também fazer uma apologia da tristeza, mera abstração, mas sim, remeter a uma dimensão desejante do sujeito do qual a psicanálise não pode perder de vista no social. O sujeito que é precipitado em uma falta para fazer laço com o outro.

Por fim, no último capítulo, serão abordadas as considerações que foram possíveis apreender acerca das interrogações da pesquisa. Certamente, isto não será da ordem do imutável, ou do fechamento da dúvida. Porém, significarão imprecisões a nos fazer trabalhar, seja na clínica ou na psicanálise em extensão. Em uma resolução interminável, pois, como já nos ensina Lacan, somos impossibilitados de dizer tudo, as verdades são postas sempre como *meias verdades* e a palavra não sustenta tudo, resta algo.

A título de *inconclusões* apresentaremos as elaborações que realizamos no percurso deste estudo, explicitando de início a *montagem perversa* como uma

---

<sup>27</sup> Idem. p.83

<sup>28</sup> FREUD, S. *O mal-estar na civilização*. . (1930/1996). In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas (Vol. XXI.). Rio de Janeiro: Imago.

<sup>29</sup> JORGE, M, A, C. op. Cit. 2006. p. 35

<sup>30</sup> Trecho retirado do roteiro do Filme: *Cronicamente inviável* – direção de Sérgio Bianchi, roteiro de Sérgio Bianchi e Gustavo Steinberg.

<sup>31</sup> Trecho do filme: *O mistério do samba*. Direção de Carolina Jabor e Lula Buarque de Hollanda.



*instrumentalização da fantasia perversa do sujeito neurótico no laço*, o que resulta de uma apropriação da lógica capitalista feita pelo neurótico. Pois, no lugar da angústia da busca do sujeito desejanste, o neurótico aceitaria como remendo, o mitigar desta angustia, engodo realizado pela oferta fetiche do capital, os objetos (*latusas*) como possibilidade de sutura.

Diante do desmedido da *qualidade total da montagem perversa*, e da violência da promessa de sutura que viria extraviar o sujeito de seu desejo via *discurso do capitalista*, ressalvaremos, portanto, a proposta de Baudrillard<sup>32</sup> quando nos adverte de que *é preciso viver inteligentemente com o sistema, mas revoltar-se com suas conseqüências. É preciso viver com a idéia de que sobrevivemos ao pior*. Faremos referência ainda, a Álvaro de Campos, heterônimo do poeta português Fernando Pessoa, que já denunciava o sujeito do limitável, o sujeito barrado de Lacan, o sujeito do desassossego, desassossegado no limiar da possibilidade do viver. O sujeito com o mal inapreensível de ser humano.

Conforme iremos abordar no desenvolvimento deste trabalho, Maurano<sup>33</sup> chama atenção quando nos conta: *acho mesmo que podemos dizer que a psicanálise serve para percebermos a vida e o mundo pela lente da beleza do que se movimenta, do que não se aquieta. Se isso implica um certo desassossego, uma certa falta de asseguramento, uma certa confrontação com o risco das mudanças, esse é o preço a ser pago pelo que está vivo*. A autora nos fala do sujeito atravessado pela condição humana da *falta a ser*, sujeito da dimensão do sofrer, sem paraíso, sem céu e irremediavelmente humano por excelência. Sujeito que se avanta a possibilidade de sustentar a condição, conforme a citação introdutória, *de no creer en la eternidad de las peles, ni en las recetas de felicidad*<sup>34</sup>.

---

<sup>32</sup> Os trechos foram retirados de Livros como: *Simulacros e Simulações* de Jean Baudrillard, Lisboa: Relógio D'Água. p. 195. E de: *El crimen perfecto*, Barcelona: Anagrama, 1996.

<sup>33</sup> MAURANO. Op. cit., 2003. p. 23.

<sup>34</sup> Música: *Sea*, composição de Jorge Drexler.

## Capítulo 1 – As proposições de Freud diante:

### 1.1 Da constituição do sujeito no laço social: a massa e a sustentação de um ideal

*Eles não sabem que nós estamos levando a peste<sup>35</sup>*

*(...) o impossível que cada um encontra cria seu laço com um semelhante graças ao qual ele espera realizar seu desejo. Em muitos aspectos a vida em sociedade faria lembrar um castelo de cartas em perpétuo desmoronamento, já que aí todos se apóiam em seu próximo, e este faz o mesmo. Essa dinâmica seria a da catástrofe permanente, se o chefe não tivesse presente. Mas ele está. Se não tivesse, seria necessário inventá-lo, pois ele sempre terá boas razões, muito razoáveis para lhe explicar porque o gozo é impossível: as condições atmosféricas não permitiam uma boa colheita, o dólar dispara em Nova Iorque, os emirados do Golfo bloqueiam o petróleo, etc. Se o chefe não for um democrata que raciocina, ele lhe fará o favor de proibir o que é o impossível, e se você não for ingrato, amá-lo-á por isso.<sup>36</sup>*

Em *Psicologia das massas e análise do eu* de 1921, Freud inicia suas interrogações a respeito da psicologia de grupo. Este escrito representa as influências do social despertando o interesse de Freud na época em que o nazismo começara a se alastrar na Europa. Entender a massa que se desenvolvia conduzida pelo sentimento anti-semita transformava-se neste momento, no objetivo da psicanálise. Portanto, neste capítulo destacamos, como pontos importantes para apresentar as primeiras questões deste estudo, as influências do social na constituição do sujeito, a definição de massa e a análise das construções que o sujeito faz para sustentar um ideal no laço. Preferimos este

---

<sup>35</sup> Referência de S. Freud a Carl Jung, quando acostavam na América citada em: COUTINHO JORGE, M. A. e FERREIRA, Nadiá P. *Lacan - O Grande Freudiano* de. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 28

<sup>36</sup> POMMIER, G. *Freud apolítico?* Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. p. 19

caminho, por supor que o social, a massa e a sustentação no plano imaginário de um ideal apresentam-se como temas introdutórios de compreensão para que possamos abordar os avatares do sujeito lançado no discurso capitalista da atualidade.

Inicialmente nos escritos sobre a psicologia das massas, Freud irá nos advertir de que nossa vida psíquica em nada difere da coletividade e do humano no laço social. A assertiva de que a análise que se aplica ao social aponta para a estrutura de constituição de cada sujeito, é a primeira constatação arrebatadora de Freud neste estudo. O sujeito é lançado irredutivelmente no social já em seu nascimento, pois é do Outro que tomamos as primeiras referências brutais, isto é, os traços para construção de uma fantasia primordial e singular que irá nos sustentar nos laços. Os laços formalizariam, portanto, uma construção feita pelo inconsciente, pela pulsão e pelos ideais.

O laço social é neste sentido, o resultado de um corte realizado pelo recalque nas impetuosas forças libidinais. Desviada de seu fim, a libido pode finalmente formar o liame. Pode constituir algo que se direciona ao Outro. Nasce a civilização, o laço social, este Outro improvável, último e implacável a ser notado e reconhecido nas dimensões constituintes do sujeito. Como nos indica o verso arrebatador de Clarice Lispector: *me deram um nome e me alienaram de mim*<sup>37</sup>

Com esta constatação, Freud irá definir que não existe mente coletiva nenhuma apartada do individual. A oposição psicologia social e individual é completamente abolida. O sujeito é um cego de sua própria imagem, por isto está irremediavelmente lançado no semelhante para lhe salvar de sua própria cegueira, necessita do Outro para dizer de sua existência precária. “O contraste entre psicologia individual e psicologia social ou de grupo, que à primeira vista pode parecer pleno de significação, perde grande parte de sua nitidez quando examinado mais de perto”.<sup>38</sup>

Esta primeira assertiva aponta para uma dimensão que subverte e avança com as definições estabelecidas pelo saber produzido acerca do grupo, do social e das concepções do individual. Avança e subverte primeiramente no sentido de apresentar que toda sorte de caracterizações ou homogeneizações que pudessem definir ou rotular o humano, com tipos e formalizações de doenças puramente orgânicas, estas, portanto, não poderiam mais ser sustentadas. Os estandartes do saber psiquiátrico estavam abalados de

---

<sup>37</sup> LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela* de Lispector, 1977.

<sup>38</sup> FREUD, S. (1921/1996). *Psicologia de grupo e análise do ego*. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (Vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago. p. 81

uma vez por todas no que se refere às classificações rígidas impostas ao caráter do sujeito evanescente que propunha a psicanálise.

O sujeito é resultado de um lançamento sem garantias no Outro, e disto não podemos esperar nem mais, nem menos do que o incerto. Era a constituição sobre o humano no laço social que Freud nos oferecia, ou seja, a partir de agora, “nenhuma conduta poderia ser considerada fixa”<sup>39</sup> assim como o caráter de uma sociologia que prescindisse da alteridade e singularidade do sujeito não poderia ser sustentado. “Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado, mas inteiramente justificável das palavras, é ao mesmo tempo, também social”.<sup>40</sup> Não podemos tomar o sujeito como resultado factual e bem articulado de seu meio, também não podemos disto livrá-lo.

Maurano<sup>41</sup> nos lembra o ensino de Lacan para dizer que o campo do Outro é exterioridade, assim sendo, o que está no mais íntimo de nós. O campo da linguagem em confluência a fundação de nossos desejos, é razão pela qual o *inconsciente é social*. Pommier<sup>42</sup> assevera:

(...) sem dúvida a língua é coletiva por definição, já tem um valor de uso. Contudo, o que ela produz de inconsciente refere-se aos sujeitos tomados no um a um. O inconsciente descoletiviza a língua comum; faz dela um assunto singular. (...) o coletivo é uma formação do inconsciente.

Para tanto, Lacan nos propôs o estudo sobre a *Banda de Moebius*, objeto que, conforme Maurano, subverte a noção de espacialidade como dentro/fora da mesma forma como Freud já havia apontado a transgressão da noção indivíduo/sociedade. A *banda*, portanto, sob efeito de torção, permite *um mesmo espaço de representação*, indiviso, indissociável entre exterioridade/interioridade, completamente subversivo à antiga noção de dualidade intransponível. “Pode-se dizer que nossa interioridade é uma dobra da exterioridade e, nesse sentido, percebe-se que as acusações que caíram sobre a

---

<sup>39</sup> ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 48

<sup>40</sup> FREUD, S. op cit. (1921/1996). p. 81

<sup>41</sup> MAURANO, D. *Para que serve a psicanálise*. Rio de Janeiro, Ed: Jorge Zahar, 2003.

<sup>42</sup> POMMIER, G. op. cit. 1989. p. 20

psicanálise, criticando nela um afastamento do social, não revelam senão um desconhecimento um não-entendimento das proposições mais básicas.”<sup>43</sup>

Alberti<sup>44</sup> indaga a questão:

O que vem a ser ‘social’ ao qual se deveria dar importância? Como articulá-lo na teoria senão pela noção freudiana de que o eu é sempre outra coisa, o eu é outro, o eu é dividido, ou, como introduz Lacan, que o sujeito mantém, em relação ao Outro uma posição de alienação e separação e onde o social faz tanto parte da realidade psíquica do sujeito quanto qualquer outra representação mais ou menos investida.

É tão pertinente a assertiva que podemos pensar o laço social como uma formação do inconsciente e que o sujeito opera no liame uma busca, uma solução desmedida e absurda para sua divisão inconclusa por excelência. Tão desmedida e singular que podemos chegar a observar

(...) que há algo que se instrumentaliza através do discurso e que permite um movimento no campo social, entre sujeitos, de maneira que um influi no outro, de maneira que, por exemplo, que uma histérica no final do século XIX podia se virar para um médico formado e lhe ordenar que se calasse e que esse pedido pudesse vir a ser por ele entendido e provocar nele a descoberta de uma fala curativa, associativa e, interpretativa - a psicanálise.<sup>45</sup>

Este texto de Freud sobre a psicologia das massas aponta ainda para mais algumas questões, quais sejam: o que é uma massa? Como podemos definir a massa e seus avatares, sua potência de dominação e influência, degredo, agressividade e consistência na vida de um sujeito?

Para fazer referência ao conceito de massa, Freud irá utilizar inicialmente os estudos de Le Bon como ponto de partida, “os impulsos a que um grupo obedece, podem de acordo com as circunstâncias, ser generosos ou cruéis, heróicos ou covardes, mas são sempre tão imperiosos, que nenhum interesse pessoal nem mesmo de autopreservação, pode fazer-se sentir”.<sup>46</sup> Continua apontando sobre a dimensão fugaz que “nada dele é premeditado. Embora possa desejar coisas apaixonadamente, isto nunca se dá por muito

---

<sup>43</sup> Idem, p.52/53.

<sup>44</sup> ALBERTI, S. *O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura*. (s/d). Disponível em: [www.gradiva.com.br/egrad.htm](http://www.gradiva.com.br/egrad.htm). Acesso em 18.06.08. Acessado em 18.06.2008.

<sup>45</sup> Idem (s/d)

<sup>46</sup> LE BON apud FREUD, S. op. Cit. (1921/1996). p. 88

tempo, porque é incapaz de perseverança. Não pode tolerar demora entre seu desejo e a realização do que deseja.<sup>47</sup>

O impossível fascina, impulsiona e excita a massa, a massa é um aglomerado em busca de suturar o mal-estar, alimenta-se do que Freud tomará de Le Bon para definir como *palavras mágicas* nas quais o *impossível desaparece*. Esta é a definição de massa que Freud parte para tomar um aspecto que irá discordar de Le Bon, formalizando que a massa tem de ser compreendida da mesma forma que o indivíduo, a barreira intransponível que Le Bon acreditava estar presente não existe, pois conforme aponta Enriquez<sup>48</sup>, se o indivíduo sonha, pode-se dizer perfeitamente que a massa também sonha. “O laço social permite que se durma de pé”; materializa a vida onírica.<sup>49</sup> O que Freud nos diz é que a neurose individual, em um grupo, se amplifica, e se é verdade que a divisão indivíduo/social é subvertida, é verdade que uma manifestação grupal não poderá ser um traço de outra natureza que não seja a mesma do sujeito tomado no um a um. A neurose da massa é uma faceta da constituição da condição humana.

Afinal, se um sujeito deseja irremediavelmente se curar de sua falta estrutural, a massa não poderia desejar outra coisa senão a de trilhar o mesmo caminho, porém, a diferença fundamental é que na massa isto pode tomar uma força avassaladora com tamanho sentimento de onipotência que faz com que a noção de impossibilidade desapareça. Como nos diz Freud, na massa, algo que é da ordem do sujeito se amplifica. O *Nazismo*, *Fascismo* e todas as formas de dominação e tirania que ocorreram ao longo da história, podem ser exemplificações patentes do degrado a que o humano formalizado em uma massa anônima pode chegar. Tempos de *Holocausto*, *Nuremberg*, *Hiroshima* e tantas outras dimensões do horror. A massa diz da disposição audaz que o sujeito pode atar-se em um plano imaginário no qual a dimensão da segregação chega às bordas do horror e do mais trágico que o humano pode se destinar.

Galeano<sup>50</sup> nos aponta em uma pequena crônica intitulada *Divórcios*, sobre os tempos de separação e segregação em que o homem torna-se destinatário da repetição de suas histórias de devastação – “o sistema esvazia nossa memória, ou enche a nossa memória de lixo, e assim nos ensina a repetir a história em vez de fazê-la. As tragédias se

---

<sup>47</sup> Idem, p. 88

<sup>48</sup> ERIQUEZ, E. op. cit., 1996.

<sup>49</sup> POMMIER, G. op. cit., 1989. p. 20.

<sup>50</sup> GALEANO, E. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 2008. p. 121

repetem como farsas, anunciava a célebre profecia. Mas entre nós, é pior: as tragédias se repetem como tragédias”.

Neste ponto, tomamos conforme Freud o *exército* e a *igreja* como duas formalizações de massa que encarnam a importância da sustentação da figura de um pai para formalizar um laço. No Exército com um chefe, um capitão, um superior, uma patente eterna a ser obedecida obstinadamente. Na Igreja a figura de onipotência é encarnada por Deus, pai topo poderoso. A sustentação de um pai criador é realizada para tentar suturar o impossível na massa, isto é, o desamparo radical do sujeito falante. Este lugar é encarnado pela figura onipotente que brilha para a massa como um tudo ou nada, um lugar último de ancoragem que além de ofertar um lugar, perfaz a coesão do grupo. O amparo imaginariamente obtido com a coesão grupal e a sustentação da figura do pai.

É o lugar da esperança primeira de gozo, da consistência imaginária que aliena o sujeito e repete o júbilo concedido desde sua constituição nos braços da figura primeira de amor. Pommier<sup>51</sup> assevera “(...) o impossível que cada um encontra cria seu laço (...)” Se o chefe não estivesse presente seria preciso inventá-lo. Não cessamos de inventar o lugar do Pai no laço. O lugar do significante encarnado pela figura de onipotência tão cara a massa que outorga um lugar de reencontro do sujeito com sua própria imagem. Uma reapropriação. E se o sujeito para sua constituição só existe na massa graças a seu semelhante que lhe concede um lugar de contemplação da própria imagem, o lugar de eu ideal. O lugar de ideal deste eu é tomado no laço pela figura do Pai, do líder.

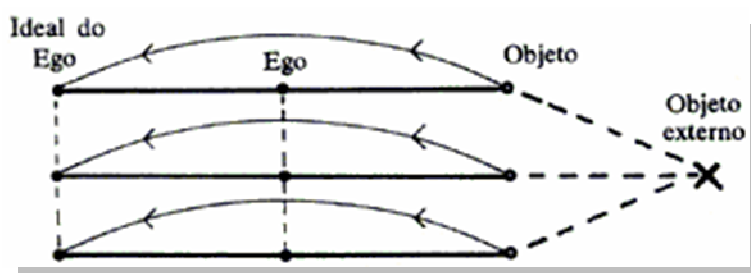
O sujeito permanece preso no plano do imaginário, submetido sustentação do ideal do eu. Ideal representado por uma baliza que captura o sujeito em uma identificação alienante, este Outro consistente e impositivo encarnado no imaginário social através da figura dos líderes e insígnias fálicas da cultura. Mecanismo de identificação apontado por Freud como substituto do narcisismo, quando éramos para nós, nosso ideal mais sublime, porém em um momento posterior, momento que nos referimos para designar a massa e sua figura de sustentação imaginária necessária – o objeto idealizado, é o que surge para ser amado e aclamado no lugar que antes cabia não mais, do que nós mesmos. É o que Freud irá chamar de a identificação com a figura do líder, que

---

<sup>51</sup> Idem, p. 19

substituirá o ideal do eu, de um sujeito para montar na massa um ideal coletivo. Ideal posto em cena pelas vias da fascinação e da ilusão, apontadas por Freud como mecanismos similares ao fascínio ocorrido na hipnose e no estado de enamoramento. “(...) na cegueira do amor, a falta de piedade é levada até a diapasão do crime.”<sup>52</sup>

A figura de Freud, representada abaixo, nos mostra “um grupo primário, desse tipo é um certo número de indivíduos que colocaram um só e mesmo objeto no lugar de seu ideal do ego e, conseqüentemente se identificaram uns com os outros em seu ego”.<sup>53</sup>



É a elucidação apresentada para apontar como um discípulo escolhe um mestre ao tomá-lo como ideal. A encarnação do Outro potente aclamada pela massa. Na cultura, assevera Freud, este ideal pode ser tomado como o exército, o Estado, a igreja, o Nazismo...

E nos vale indagar: e no laço da atualidade, seria o capitalismo uma potência encarnada como Outro pronto a comandar sobre o imperativo e a avidez do consumo?

*O ideal tomado como uma ilusão* é a falácia apresentada pelo discurso do capitalismo, o paradoxo criado com um arremesso, um “(...) deslocamento da função do ideal do eu para a função do supereu, instância que escraviza o sujeito remetendo-o ao gozo ou condenando-o ao fracasso. Isto significa que existe, no capitalismo, uma passagem (...)”<sup>54</sup>. A passagem reportada nos traz a condenação do sujeito das marcas “(...) do ideal do eu – que regula o sujeito com as marcas do Outro, conduzindo-o a uma esperança de reconhecimento – para uma outra instância que seduz e escraviza o sujeito

<sup>52</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1921/1996, p. 123

<sup>53</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1921/1996, p. 126

<sup>54</sup> ROSA, M. D.; CARIGATO, T.; BERTA, S. L. *Ética e Política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas.* Ágora/RJ, v. IX, p. 35-48, 2006, p. 9



com sua voz, ordenando-o ao gozo ou assombrando-o com o fracasso” .<sup>55</sup> Isto designa os domínios do supereu como instância destinatária da pulsão de morte e sua potência de imperativo de gozo, o que sua postulação como portadora da lei e da devastação implicada no mercado do consumo.

O valor fálico atribuído aos objetos-fetiche produzidos pelo capitalismo assombra o sujeito na analogia de que: *para ser tem de ter*, o mercado foi eleito como o grande *mestre moderno*, mestre sem rosto, mas com uma voz que vocifera as leis do capital, o valor do tributo a ser pago pelo sujeito – o líder que a massa elege para lhe outorgar um lugar no laço. Os objetos lançados pelo mercado montam a cena do ideal coletivo, a farsa para servir a ilusão. Ideal tomado como uma ilusão, a ilusão de que para estar no laço tem-se de possuir os objetos, tomar os objetos, consumir ao nível de que esta é a única realidade plausível, possível, vivível. Realidade alheia a qualquer outra formalização de laço, que não diga de uma degradação do laço social. Avesso ao laço social, o capitalismo é eminentemente segregador. Necessita do estado de anestesia, alienação que comporta a massa para fazer-ser acreditar, para fazer acreditar em uma liberdade forjada, a liberalização das barreiras alfandegárias, liberação do comércio, o trabalhador autônomo do neoliberalismo. Uma sutileza sublime na proposta sedutora de liberdade, livre para consumir... Estratagema de um liame totalitário.

O que nos convoca aos problemas diante do perigo desta fascinação, perigos que apontam para a promoção de objetos-fetiche como um caminho de mão única em direção ao consumo, o que nos faz supor a crença na tecnologia e nas soluções rápidas que nos oferecem um final, no qual o objeto estará lá, nos liames da realização toda – pleno de poder. Isto indica uma sobreestima do objeto, o seu enaltecimento supremo diante de uma massa satisfeita e comedida com sua idealização de ser livre e mais, supondo-se feliz. Irremediavelmente feliz.

(...) a distorção promovida nos discursos totalitários potencializam e fazem coincidir o ideal do eu com o objeto de gozo dando a ele uma solidez estática que fascina e, aliada ao supereu, paralisa os processos criativos e desresponsabiliza o sujeito da apreciação própria e de seu compromisso. Isso homologa o sujeito que se sacrifica a custo do seu sofrimento, com o perigo de se colocar como instrumento do gozo do Outro.<sup>56</sup>

---

<sup>55</sup> Idem, ibidem, p. 10

<sup>56</sup> Idem, ibidem, p.11

A relação de profundo embaraço e alienação patente provocada pelo capitalismo nos faz pensar em uma cultura que acena para um imperativo de gozo presente na voz audaciosa de um superego que ao mesmo tempo que diz não pode, não deve, diz também não pode, não se deve deixar de estar, estar as voltas com o consumo. O gozo no consumo consome e regula o lugar do sujeito no contemporâneo que irá se deparar no meio de uma tempestade, soterrado com as insígnias fálicas do capitalismo em meio ao empuxo dos mandamentos de ser feliz, completado por um novo objeto. É a violência que atropela e avassala o sujeito a avançar, avance. Precipita em uma realidade que não pode prescindir de um novo objeto, avance. Há vida ainda para ser vivida. Mas, quanto custará isso mesmo?

Destarte, retornamos a citação de Freud que abre este capítulo, *eles não sabem que lhes trago a peste* para dizer conforme nos expõe Pommier<sup>57</sup> que Freud lança ao Novo Mundo a esperança, um alento quem sabe, na aposta de que um lugar possa ser concedido ao discurso analítico no laço social. Lugar este, que nada diz de poderes ocultos conferidos à psicanálise ou mesmo da graça e cura dos que já teriam passado pelo divã, mas diz que “a peste silenciosa adquire então esta significação de abscesso. Fixação em ponto frágil daquilo que gira entre o mestre e a massa”.<sup>58</sup> Resta-nos a frase sólida como um porto de Caio Fernando Abreu que nos alerta “quem diria que viver ia dar nisso?” para que sigamos persistindo no laço com as garantias cegas de que quem sabe “deve haver alguma espécie de sentido ou o que virá depois?”<sup>59</sup>. Ou mesmo que possamos dizer: “Mas bem sei que é inútil sonhar. Provavelmente permaneceréi só em meu perímetro de grama, penteando estoicamente meus espinhos e pondo esparadrapo em meus ferimentos, oscilando em uma atitude misantropa e um amor sem fim pelo ouriço ideal. (...) A vida em sociedade eriçou pouco a pouco nossa pele?”<sup>60</sup>

---

<sup>57</sup> POMMIER, G. *Freud apolítico?* Artes Médicas: Porto Alegre, 1989.

<sup>58</sup> Idem, p.104

<sup>59</sup> ABREU, Caio Fernando. *Luz e sombra*, In. *Morangos Mofados*. São Paulo: Brasiliense, 1982; 9ª ed. Cia. das Letras, 1995. Reeditado pela Agir - Rio, 2005.

<sup>60</sup> POMMIER, G. *Freud apolítico?* Artes Médicas: Porto Alegre, 1989, p. 10

## 1.2 Do mal-estar na cultura: *estamos meu bem por um triz pro dia nascer feliz...*

*Meu partido  
É um coração partido  
E as ilusões  
Estão todas perdidas  
Os meus sonhos  
Foram todos vendidos  
Tão barato  
Que eu nem acredito  
Ah! eu nem acredito...*

Cazuza

*Esta velha angústia,  
Esta angústia que trago há séculos em mim,  
Transbordou da vasilha,  
Em lágrimas, em grandes imaginações,  
Em sonhos em estilo de pesadelo sem  
terror, em grandes emoções súbitas sem  
sentido nenhum.*

*Transbordou. Mal sei como conduzir-me na  
vida. Com este mal-estar a fazer-me pregas  
na alma! Se ao menos endoidecesse  
deveras! Mas não: é este estar entre, este  
quase, este poder ser que... Isto.*

*Um internado num manicômio é, ao menos,  
alguém. Eu sou um internado num  
manicômio sem manicômio. Estou doido a  
frio. Estou lúcido e louco. Estou alheio a  
tudo e igual a todos. Estou dormindo  
desperto com sonhos que são loucura  
Porque não são sonhos.  
Estou assim...*

*Pobre velha casa da minha infância  
perdida! Quem te diria que eu me  
desacolhesse tanto! Que é do teu menino?  
Está maluco. Que é de quem dormia  
sossegado sob o teu teto provinciano?  
Está maluco. Quem de quem fui? Está  
maluco. Hoje é quem eu sou.*

*Se ao menos eu tivesse uma religião  
qualquer! Por exemplo, por aquele  
manipanso. Que havia em casa, lá nessa,  
trazido de África. Era feiíssimo, era  
grotesco,*

*Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê. Se eu pudesse crer num manipanso qualquer — Júpiter, Jeová, a Humanidade — Qualquer serviria, Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?*

*Estala, coração de vidro pintado!*  
Álvaro de Campos<sup>61</sup>

No outono de 1927, Freud termina o texto *O Futuro de uma ilusão* e, com este, encerra também qualquer tipo de possibilidade de conciliação ou esperança ínfima do homem com Deus, com seus semelhantes e com a ciência e o progresso como portadores de uma verdade e do melhor para o homem. As questões tocadas por Freud neste texto são atravessadas de enunciações sobre a renúncia necessária para se viver em sociedade, que trazem a marca incólume da religião como uma ilusão. Porém, no texto que estaria por vir, o *mal-estar* alastra o destino do humano e uma conciliação harmoniosa para o sujeito no laço torna-se improvável. Freud, no texto do qual se irá tratar neste capítulo, marca a implacável condição da felicidade plena como um logro.

Foram necessários dois anos se passarem para que Freud voltasse a produzir, e no verão de 1930 o texto *O mal-estar na civilização* é publicado. Para discutir este escrito longo e denso de Freud, no qual muitas questões são apontadas e articuladas, nos deteremos especialmente àquela que se coloca como crucial para o objetivo deste trabalho: a proposição de Freud quando este aponta que a potência de tornarmo-nos felizes, que o princípio do prazer nos arrebatava, não tem como ser efetivada. Isso ocorre, pois há sempre algo da ordem do inconquistável e inefectível e a felicidade plena não passa de um engodo que o humano está fadado a se destinar para irromper no laço social. Partiremos, portanto, desta assertiva para que possamos questionar os avatares da atualidade: afinal, se o que Freud propunha seguia o rastro de uma perda de gozo necessária e incólume ao humano para se fazer desejante, como o humano comparece à condição de desejante na atualidade, ao passo que às promessas do laço da atualidade

---

<sup>61</sup> Álvaro de Campos. *Esta Velha*. In: FERNANDO, P. *Poesia – Álvaro de Campos*: edição Teresa Rita Lopes – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

destinam um humano suturado via imperativo de gozo? O discurso hegemônico do capitalista convocaria o humano a um aplacamento do mal-estar? São as questões que avançaremos.

No texto sobre *o mal-estar na civilização*, a titulação inicial trazia no aporte das primeiras nomeações a infelicidade como insígnia, a infelicidade como tema, visando o que estaria por vir nos escritos sobre a cultura. Na tradução francesa para o termo *mal-estar*, tem-se *malaise*, no espanhol, *el mal-estar en la cultura*. É importante frisar, que para além da compreensão que as traduções possam oferecer, a obra sobre o mal-estar ultrapassa em muito a definição mais apressada e imprecisa que possa definir o texto de Freud como culturalista ou sociológico.

O texto escrito em um verão vienense está para além do sociologismo, da busca de uma verdade universal filosófica ou mesmo de uma consonância religiosa para salvação do homem no mundo e na vida em sociedade. Por outro lado, o texto de Freud também não pode ser reduzido a uma apologia da infelicidade, pois para este a possibilidade da felicidade humana não pode ser constatada como uma mera abstração, mas é algo de ordem fundamentalmente estrutural.

Enriquez<sup>62</sup> traz a constatação de que Freud ao escrever este texto queria “endemoninhá-lo”, exorcizar uma constatação nefasta acerca da humanidade. Para tanto, em uma carta a Lou Andreas-Salomé afirma que o escrito trata da cultura, do sentimento de culpa e da felicidade. Porém, frente a seus outros escritos este não parecia tão nobre. E mais, com este, teria conseguido apenas descobrir as verdades mais banais, uma vez que já não podia dar suas longas caminhadas, escrever para Freud seria uma forma de fazer passar o tempo. *O tempo passa agradavelmente* afirma Freud, o texto sobre o mal-estar seria uma forma de *fazer passar* e que traria as *verdades mais banais*, as verdades que são evidentes por si só – a humanidade fadada ao aniquilamento, ao degredo, aos descaminhos da pulsão de morte. Estas, de fato, não são o que se pode chamar de “opiniões de salão”.

Freud toca nada mais nada menos no trágico e na violência, temas que todo e qualquer humano tenta conjurar. E se toda obra porta em si um escândalo, no mal-estar o escândalo que Freud nos mostra com sua devida prudência, e sua devida ousadia, é *o triunfo do mal*. Já de saída podemos constatar neste texto a genialidade de Freud ao

---

<sup>62</sup> ENRIQUEZ, E. *Da horda ao Estado – psicanálise do vínculo social*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

apontar o fim do humano pelo mesmo processo que visava sua inauguração no laço. O humano está fadado ao extermínio pelo mesmo processo que visa sua inauguração.

O mal-estar traz a hipótese patente de a cultura estar sob os domínios da pulsão de morte. O patente, o escandaloso e a audácia de Freud colocam-se como proposições justapostas para lançar tal triunfo da pulsão de morte apesar do que este irá colocar sobre os alentos de Eros. Eros, como uma condição impetuosa do sujeito para fazer laço, haja vista que o sujeito neurótico não tem como se saber fora do laço. Fora das rédeas da linguagem já em sua inauguração, pois tratar do mal-estar na cultura implica em tratar do mal-estar do sujeito no liame. Do sujeito que para viver em sociedade paga por uma renúncia, uma perda de gozo necessária, já dada desde sua condição estrutural que o aparta de qualquer possibilidade de completude. A linguagem faz o sujeito pagar um preço para realizar sua inscrição na cultura, preço da linguagem, apreço do desejo.

O sujeito falante, do qual nos ressalva Freud, para irromper na condição do humano e para aceder ao laço, precisa romper com a consideração de não-castrado e designado a um amparo sublime. É preciso aquiescer como sujeito castrado, desamparado e apartado da verdade de seu desejo. É o sujeito lançado exatamente no *mal-estar* do qual irá tratar Freud, sem céu e sem inferno, humano por excelência. Porém, nem por isso lançado ao limbo, trata-se apenas da constatação do mal-estar como fundação precisa e imprescindível do sujeito desejante.

É preciso chamar atenção para o fato de que ao abordar o texto sobre o mal-estar, estaremos, além de muitas outras questões que o texto nos convoca, tratando das maneiras que o sujeito encontra para lidar com esta falta constituinte e estrutural que o inaugura no laço. As maneiras, caminhos, estratégias e estratagemas que o sujeito encontra para lidar com seu mal, o mal de ser faltante. Neste escrito, Freud propõe as maneiras que o sujeito encontra para estar no laço, não prescindindo de uma aquisição da felicidade ainda que através de uma perda de gozo, ainda que a felicidade seja um logro do humano no liame.

As maneiras que Freud enunciou no texto para falar da inauguração do sujeito no laço e que servem de alento à sofreguidão humana atravessam as vias da religião, da criação artística, científica, ou mesmo da psicose e da fantasia. O sujeito tenta lidar com a rocha da castração e para isso cria, reza, intoxica-se, fantasia, delira, produz. No entanto, é preciso ressaltar que estas, ainda que existentes, ainda que o sujeito possa lançar mão como forma de garantia e acesso a uma parcela de gozo, não podem servir

de anteparo completo ao mal-estar, não podem servir para aniquilar o mal-estar por completo, o mal-estar é da ordem do incurável. Não sentir é indolor. A dor é um impossível a ser enfrentado pelo humano. Estas, portanto, se configuram como artifícios *não - todos* para lidar com a empreitada de continuar na vida. O que justifica em muito o questionamento que Freud se propõe: *Mas afinal, por que é tão difícil para o homem ser feliz?*

Na primeira e segunda parte do texto, *O mal-estar na cultura* (1930), Freud trata da questão da religião, e em uma carta afirma: “não consigo descobrir em mim esse sentimento oceânico”<sup>63</sup>. Esta afirmação se dá em virtude de cartas trocadas com Romain Rolland o qual colocava a religião como a sensação de eternidade, algo ilimitado, puramente subjetivo ou um artigo de fé, ao passo que para Freud, esta era tratada como uma ilusão, já desde o texto de 1927, como já citado no texto *o futuro de uma ilusão*.

Freud, no entanto, está preocupado em delimitar o que o homem comum entende como sua religião, figurada em um conjunto de promessas que além de explicarem os enigmas do mundo, garantem uma espécie de compensação para uma redenção futura. Compensação que perfaria quaisquer que fossem as frustrações enfrentadas neste mundo. A religião seria uma ilusão com o intuito de velar as falhas próprias ao desamparo do humano em prol da garantia da paz e da quietude, um futuro junto a uma promessa de salvação redentora.

Freud, já no texto sobre o mal-estar, retorna a questão para alegar em tom de crítica audaz, o fato de esta alastrar-se como uma espécie de delírio de massa do homem para lidar com a realidade de suas agruras.

Tudo é tão patentemente infantil, tão estranho à realidade, que, para qualquer pessoa que manifeste uma atitude amistosa em relação à humanidade, é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida. Mais humilhante ainda é descobrir como é vasto o número de pessoas de hoje que podem deixar de perceber que essa religião é insustentável e, não obstante isso, tentam defendê-la, item por item, numa série de lamentáveis atos retrógrados. (1930, p. 82).

---

<sup>63</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1930/1996, p. 74

A figura de um pai ilimitadamente sublime e que possuiria a verdade sobre as necessidades e sofrimentos dos filhos, contribuiria através dos preceitos religiosos para a crença do homem em um aplacar de uma providência divina que abrandasse seus remorsos. Esta é a submissão incondicional apontada por Freud para a garantia do amparo e da proteção de um pai.

Uma maneira de lidar com o desamparo, com a falta. Uma ilusão lançada pelo homem para apaziguar seu mal-estar no laço. O que Freud chamou de amparo através de um pai (Deus) ou proteção divina contra o sofrimento da vida garantiria a aquisição à felicidade e a salvação dos pecados e de toda e qualquer possibilidade de sentimento de culpa. Lacan denominou de consistência do Outro. Uma submissão incondicional frente ao Outro não-castrado, encarnado na *figura de Deus pai todo poderoso criador do céu e da terra*.

Rey-Flaud<sup>64</sup> coloca que o sujeito tenta resgatar um tempo sem bordas, uma memória obscura de um sentimento infinito e ilimitado, a memória de um estado mítico, originário. Primeiramente a busca da figura do *primeiro narcisismo* é constatada. O sujeito realiza a busca de *um mundo onde não acontece nada*, pois nada pode ainda advir. Posteriormente, não é mais a busca única por este tempo de um *eu-real*, mas de um *eu-prazer*, cuja sua única saída é convocar um pai, para que um pedido de salvação possa ser endereçado a fazer obstáculo ao lançamento deste sujeito no mundo. O sujeito apela ao pai. “Senhor me proteja deste mundo. Rogai por nós pecadores, agora e na hora de nossa morte”.

Freud vai então inverter o argumento de Romain Rolland e mostrar que a vida do homem só é possível se ele renuncia a esse narcisismo para entrar no mundo do limite, quer dizer, da castração e da morte. Mas, ele acrescenta, essa renúncia não será nunca completamente realizada, pois a lembrança do eu primordial “ilimitado” vai continuar mantendo no profundo do homem uma reivindicação que nenhum recalçamento poderá atingir e que vai alimentar o ódio irreprimível contra tudo que vai se apresentar a ele como lembrança dessa ordem de renúncia. Sobre esse princípio é introduzida então a verdadeira fonte do sentimento religioso: “a nostalgia da proteção do pai”. (p. 21)

---

<sup>64</sup> REY-FLAUD, H. Os fundamentos metapsicológicos de o mal-estar na cultura. In: LE RIDER, J. et al. *Em torno de o mal-estar na cultura*, de Freud. São Paulo: Escuta, 2002.



A religião, é bem verdade, alastra uma das maneiras mais poderosas e astutas para servir de engodo no laço social através do apaziguamento dos males humanos, o que assola multidões de crentes na promessa da figura da existência de um pai todo poderoso. Idealização que ao longo da história sustentou barbáries que persistem até nos dias de hoje, cuja dívida, este homem crente está disposto a pagar a qualquer preço em prol do ideal supremo de um Outro não-castrado onipotente, salvador e criador, do qual todos devem a reverência.

Em seguida o texto de Freud percorre um ponto do qual nos será muito caro neste trabalho. De início, partiremos *das três fontes do sofrimento humano* que foram indicadas: o *poder da natureza*, a fragilidade e *vulnerabilidade dos corpos* e a inadequação às regras que procuram convencionar o *relacionamento entre os homens* na família, no estado, na sociedade e dos homens com os outros homens. Sofre-se pela pujança das catástrofes da natureza que resistem a uma dominação toda. Por nossos corpos que irrompem no tempo e envelhecem, adoecem e resistem a toda e qualquer tentativa de fonte da juventude e virilidade eterna.

E por fim, propôs Freud, sofre-se porque há uma impossibilidade de atender a uma idealização de relação harmoniosa com o semelhante. A relação entre os seres humanos e destes com as instituições que sustentam o laço social é uma proposta da ordem do inconciliável, incontestável em relação a qualquer tipo de adequação plena. O homem leva a vida toda para se adaptar e não se adapta nunca. É um inadaptado em sua própria proposta de conquista, não sustenta seus contratos com o mundo e com os laços. Fracassamos em tentarmos nos tornar imbatíveis.

Freud coloca que não podemos vacilar em nos submeter às frustrações do laço. “Nunca dominaremos completamente a natureza, o nosso organismo corporal, ele mesmo parte dessa natureza, permanecerá sempre como uma estrutura passageira com limitada capacidade de adaptação e realização”<sup>65</sup>.

Em relação à terceira fonte, Freud reflete sobre a maneira pela qual os regulamentos sociais que por nós mesmos foram criados não dão conta de sustentar a promessa de proteção e benefício. Há algo que se corrompe e não ajusta, falha. E acresce, “contudo, quando consideramos o quanto fomos malsucedidos exatamente

---

<sup>65</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1930/1996, p. 93.

nesse campo de prevenção do sofrimento, surge em nós a suspeita de que aqui é possível fazer, (...) uma parcela de natureza inconquistável”<sup>66</sup>.

O avanço de Freud está no que assevera sobre a presunção de que o que há de inconquistável nos projetos de aplacar o sofrimento na sociedade, que não nos salva, faz parte de nossa própria constituição psíquica, ou seja, é inerente a esta mesma cultura. Para que a marca do social possa ser inaugurada é preciso que nossas promessas aportem este mesmo inconquistável que nos faz desejar o sublime.

Para dar prosseguimento ao que desejamos expor trataremos do que Freud irá propor sobre as *conquistas extraordinárias do progresso* realizadas pelo homem, que dizem: “durante as últimas gerações, a humanidade efetuou um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo seu controle de maneira jamais imaginada. Os homens se orgulham de suas realizações e têm todo o direito de se orgulharem”<sup>67</sup>. Contudo, continua, tudo o que conquistamos e nos vangloriamos de ter dominado na certeza da felicidade suprema, não nos tornou mais afortunados. Tudo que diz respeito às conquistas do espaço, do tempo e da natureza não sustentou que a satisfação prazerosa poderia se tornar perene. O homem não ficou mais feliz. E nem fez disto um estado de eternidade prazerosa.

Cabe então retornar ao questionamento que Freud se propõe:

Não existe então, nenhum ganho no prazer, nenhum aumento inequívoco no meu sentimento de felicidade, se posso tantas vezes quantas me agrada, escutar a voz de um filho meu que está morando a milhares de quilômetros de distância, ou saber, no tempo mais breve possível depois de um amigo ter atingido seu destino, que ele concluiu incólume a longa e difícil viagem? (1930, p. 95).

O que Freud nos mostra parece trilhar o caminho de nos interrogar sobre as seguintes questões: mas, então, onde está o ganho deste *a mais* que o progresso nos promete com suas conquistas insofismáveis? A falácia da ilusão não está só no laço com a religião, está na aposta com o progresso também?

A promessa de um progresso desmedido embutida a tudo o que vivemos não seria corroborar mais um engodo do qual estamos tentados nos convencer em prol do avanço da sociedade e da cultura? Mas afinal, por que se necessita tanto dos avanços

---

<sup>66</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>67</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1930/1996, p. 94

técnicos, científicos, culturais, biológicos e bioquímicos para se sustentar no mundo e perseguir um mundo melhor? Benefícios calcados sobre argumentos de uma satisfação toda que falha, é o que Freud nos diz. Se “a felicidade, contudo, é algo essencialmente subjetivo”. “Já é tempo de voltarmos nossa atenção para a natureza dessa civilização, sobre cujo valor como veículo de felicidade foram lançadas dúvidas”<sup>68</sup>.

Se não houvesse ferrovias para abolir as distâncias, meu filho jamais teria deixado sua cidade natal e eu não precisaria de telefone para ouvir a sua voz; se as viagens marítimas transoceânicas não tivessem sido introduzidas, meu amigo não teria partido em sua viagem por mar e eu não precisaria de um telegrama para aliviar minha ansiedade a seu respeito. Em que consiste a vantagem de reduzir a mortalidade infantil, se é precisamente essa redução que nos impõe a maior coerção na geração de filhos, de tal maneira que, considerando tudo, não criamos mais crianças do que condições difíceis para nossa vida sexual no casamento e provavelmente trabalhamos contra os efeitos benéficos da seleção natural? (1930, p. 95).

Assim, após a questão da religião, Freud faz cair mais uma idealização, a idealização do progresso como promessa de felicidade. Freud lança uma prescrição sobre a argumentação de que, para todo o homem o desmesurável da conquista significa uma satisfação incondicional. Mais um engodo.

Posterior as questões sobre o progresso, Freud então irá tratar das toxicomanias como mais um apaziguador, e afirma que as drogas constituem uma fonte potente, um apaziguador voraz aos males do homem. O que chamou de: “medidas paliativas”, que poderiam ser também: os derivativos poderosos, as satisfações substitutivas e as substâncias tóxicas.

Para Freud, destes, as ditas substâncias tóxicas concluía em adormecer a dor, *apaziguador*, pois “o mais grosseiro quando presentes no sangue ou tecidos, provocam em nós, diretamente, sensações prazerosas, alterando tanto, também as condições que dirigem nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de receber impulsos desagradáveis”<sup>69</sup>.

Diante destas constatações denunciadas por Freud para lidar com o mal-estar e da queda destas mesmas como possibilidades de completar o que do humano se faz social e

---

<sup>68</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1930/1996, p. 96

<sup>69</sup> FREUD, S. *op. cit.* 1930/1996, p. 86

ainda assim resta de incivilizável, seguimos com Steffen<sup>70</sup> para dizer que “sempre houve e sempre haverá um mal-estar inerente à condição humana. Somos seres estruturados em torno de uma falta que nos condena a um desejo irrealizável, daí certo grau de infelicidade perene”. Disto decorre concluir que observar pela lente de uma *dourada idealização* as épocas passadas, não é objetivo deste estudo, posto que “cada época da história propõe um desafio à infinita capacidade humana de inventar soluções para o mal incurável de ser humano”.<sup>71</sup> Assim, destacamos que em relação à falta humana na contemporaneidade não seria diferente. Convites para inovações e formas de lidar com o mal-estar são sempre patentes. Mas estaríamos falando de convites? É preciso que analisemos quando os convites passam a ser apelos. Quando o laço social passa a ser uma degradação do laço. Destarte, indagamos: algo mudou realmente? O convite à criação de algo para ligar com a infelicidade passou a um apelo para aplacar o mal-estar? Como o humano comparece à condição desejante? Soterrar o humano de felicidade por meio de objetos de consumo criados pela ciência e lançados no mercado pelo capitalismo! Talvez seja a resposta precária de sutura à falta que a atualidade nos promete e que nos interessa analisar suas particularidades, sutilezas e imposições. Que discurso sustenta a atualidade que aportamos? *Estamos por um triz para o dia nascer feliz...*

---

<sup>70</sup> STEFFEN, R. *Homens que não amadurecem, mulheres que não envelhecem: relações amorosas na contemporaneidade*. Dez /2006. (Publicação interna – Associação Campinense de Psicanálise).

<sup>71</sup> Idem.

## Capítulo 2 - A “montagem perversa” - instrumentalização do fantasma neurótico

### 2.1 A “montagem perversa”, ou melhor, *a instrumentalização do fantasma neurótico no laço compartilhado*

Calligaris<sup>72</sup> questionou-se sobre o que seria uma “*montagem perversa*” na conferência cujo tema foi *Perversão – um laço social?* Seguindo a interrogação feita pelo autor, propõe-se avançar com as seguintes questões: a perversão pode estar no laço? É própria do liame? É algo estrutural da neurose que se lança no liame da atualidade via discurso do capitalista? O autor propõe que a *montagem perversa* é uma montagem que faz semblante de uma saída da neurose através do milagre de ter como sabido o saber suposto ao pai. E assim, por ser sabido, este saber teria como ser compartilhado no laço. Estamos tratando, portanto, do *laço entre neuróticos e não da perversão como uma estrutura clínica*.

Esta montagem se apóia sobre o saber suposto do pai e o domínio do gozo do Outro. Dessa forma, o neurótico supõe que além de ter o domínio do gozo, sabe como fazer o bom uso deste instrumento, sabe como gozar e como fazer o outro gozar, sabe como fazer a montagem funcionar. No artigo *A sedução totalitária*, discorre acerca do drama neurótico que sustenta a montagem. O neurótico possui a “infelicidade da incerteza do querer e o fracasso da relação sexual”,<sup>73</sup> infelicidade dramática, pois “o desejo não seria um caminho no qual o sujeito se introduziria pelo caminho de um saber”.<sup>74</sup> O que abre a cena para desvelar os desfiladeiros da inefável incerteza do querer neurótico? Eu quero? Eu não quero? Eu não sei se quero, não dessa forma, talvez outra, mas não sei!

O neurótico acautela-se desesperadamente do impossível. Desta forma, necessita fazer da função paterna, simples referência significante, *uma espécie de instância que possa redobrar o impossível com uma interdição*<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> CALLIGARIS, C. *Perversão – um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural Jaques Lacan, 1986. Este assunto foi tema da pesquisa do autor: *Recherche sur la perversion comme pathologie sociale – La passion de l’instrumentalité*, Thèse pour le Doutorat Noveau Régime en Lettres et Sciences Humaines, Université de Provence Aix- Marseille I, 1993.

<sup>73</sup> CALLIGARIS, C. *A Sedução Totalitária*. In: Aragão, L. T. (Org.). *Clínica do Social*. São Paulo: Escuta, 1991, p. 111.

<sup>74</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>75</sup> Idem, *ibidem*.

A invenção de uma instância soberana e consistente é para validar e justificar a suposição do saber paterno. O saber do pai tudo sabe, é soberano. Em sua constituição como sujeito, o neurótico tende a inércia de permanecer na interrogação perplexa e consternada de um saber que nunca será sabido, por ser uma suposição. E por isto protege-se do inefável.

Poderíamos falar do *laço burocrático*<sup>76</sup> como uma exemplificação do alcance da montagem, mostrando que o gozo está no exercício funcional, exercício de uma tarefa realizada pelo neurótico no laço. O laço serve de saibro para atuação.

Os diversos crimes realizados pelos carrascos do Nazi-Fascismo representam o rigor de se constituir como sujeito na montagem através da realização de um “bom trabalho”, um trabalho terrivelmente necessário, prático e técnico, a racionalidade da técnica a serviço do laço.<sup>77</sup>

Costa<sup>78</sup> alude as referências de Hanna Arendt sobre o julgamento do caso Eichmann, militar nazista julgado por seus crimes de guerra pela deportação em massa de judeus para os campos de extermínio como um enlaçamento radical à montagem, o cumprimento disciplinado do dever. Eichmann alegava “estar apenas cumprindo ordens”, era um funcionário exemplar da máquina burocrática totalitária do ideal Nazista. Arendt chamou isto de “a banalidade do mal” o que deu título ao seu livro acerca do tema, pois através do laço com o poder, era possível *banalizar o mal*, tornar o mal banal o bastante a ponto de servir como laço, ou melhor, de constituir-se como o ordinário do laço. O neurótico acederia ao laço pelo triunfo de ter a missão como cumprida.

Em função desta montagem, poderíamos supor que entre os carrascos nazistas, pudesse existir um laço perverso atado em uma montagem ao invés de lançar a determinação abrupta de uma produção em massa do estrutural clínico da perversão. Lançamos, portanto, a análise acurada acerca do laço para afirmar que, se durante a Segunda grande Guerra Mundial os arautos do laço perverso destinavam-se ao ideal do Nazi-Facismo, na atualidade destinamos os mesmos arautos para dizer do Capitalismo e sua consistência. Anunciar que a paixão pela instrumentalidade proporciona um gozo

---

<sup>76</sup> PEIXOTO, C. A. J. *Metamorfoses entre o sexual e o social. Uma leitura da teoria psicanalítica da perversão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

<sup>77</sup> Idem

<sup>78</sup> COSTA, A. *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

instrumental no vínculo, segue a linha de raciocínio para que possamos chegar a uma tentativa de saída da ignorância do saber neurótico para sustentar, no liame, o ensaio aterrador de uma saída perversa da neurose. Portanto, se “(...) o neurótico é sujeito e deseja graças à referência paterna, por isso mesmo ele é condenado a uma ignorância sobre o que quer e a perplexidade sobre o que fazer”. E que perfaz a verificação: “como se constata cada dia, aliás, quando conseguimos algo que pensávamos querer demais e descobrimos que não era bem isso”<sup>79</sup>.

Este é o embaraço e o drama na inexistência da relação sexual. Mas afinal: o que deseja ele de mim? O que quer uma mulher? O que deseja um homem? Uma mulher é um presságio frente o homem. E um homem é uma aflição frente uma mulher. Insondáveis desencontros da relação sexual. Indeléveis faltas. “O parceiro que encontramos na cama é puro pretexto (...)”, uma versão idealizada de uma historieta infantil mais antiga, inscrito na fantasia construída da referência significativa da metáfora paterna de cada sujeito, é o que põe em obra a posição do sujeito frente ao saber suposto ao pai. “(...) Cada um copula através de um fantasma que se organiza graças ao mesmo saber do qual falamos antes, um saber suposto, ignorado, singular e, portanto não compartilhável”<sup>80</sup>.

O autor<sup>81</sup> continua, para pontuar: a não ser que pudéssemos nos sustentar em uma *teoria do amor genital* que prometeria um desenredo mais harmonioso no encontro com o semelhante, estaríamos a salvos das inconsistências, incongruências e penhascos do humano no laço. A revelia disto, a vida tem-se a vida sob os domínios da sexualidade e do desejo e porque não enunciar, do gozo.

A *montagem perversa* é, portanto, a possibilidade de notar que o saber suposto ao pai, por milagre, prometeria a sutura frente à inconsistência. Frente aos abismos do laço social. É a possibilidade de que este saber pudesse ser dado como sabido. Dado como sabido, o saber paterno poderia ser compartilhado via “relação possível”, plausível entre os semelhantes masculino e feminino solucionados, como por milagre, em seus respectivos fantasmas compartilhados e análogos via objeto. Na possibilidade de mais do que saber sobre o outro, estaria à possibilidade de perpetrarem juntos num

---

<sup>79</sup> CALLIGARIS, op cit, p. 111

<sup>80</sup> Idem, p.112.

<sup>81</sup> Idem

mesmo fantasma, perpetrarem juntos no laço. É o milagre de saída perversa da neurose, conforme já citado, ou ensaio, engano, engodo via semblante.

Logo, a montagem é o que ocorreria entre dois sujeitos: “neurótico mais neurótico ou neurótico mais perverso, juntos no mesmo fantasma, numa tentativa de chegar a uma modalidade de gozo.”<sup>82</sup>

Porém, é importante ressaltar que, posto que seja impossível desvencilhar do saber paterno suposto, a opção seria abdicar da própria singularidade, e rolar ladeira abaixo em uma construção coletiva e alienante, no sentido de estar alheio ao sujeito do desejo. A garantia nos atos é a certeza na prática possível de uma fantasia comum, compartilhada no laço. A fantasia de completude gozosa através do laço perverso atado via lógica do capital é o que desejamos propor neste estudo como uma possibilidade atada para teorizar frente aos descaminhos, extravios da atualidade.

É nesta montagem perversa que o neurótico está pronto a aceder, cair, rolar ladeira abaixo, pois esta promete a insígnia da satisfação no liame.

O neurótico sonha em ser perverso. *E se não pode ser, então se monta-a-ser, numa montagem.* Ele está pronto a aceitar quase tudo para aceder à montagem perversa, para chegar a uma modalidade mais tranqüila de gozo. Ele está pronto até a abandonar sua singularidade, ao ponto de aceitar perseguir um gozo do Outro, o que é um artefato. Sabem o que significa um artefato? Significa que, numa montagem perversa, na qual os lugares de saber e instrumento se repartem, o gozo perseguido é o gozo da montagem: o que representa o Outro é a própria montagem. Fazer o Outro gozar é a mesma coisa que fazer a montagem funcionar. O gozo que aí se obtém, ou seja, de ser instrumento do saber, que se assegura um domínio do gozo do Outro, significa uma recompensa exorbitante.<sup>83</sup>

Pacheco Filho discute que há semelhanças entre o laço que os sujeitos estabelecem no capitalismo e o que se caracteriza como cômoda ordem de algo que perverte, haja vista manutenções de como os sujeitos lidam com a falta, visto que a cultura contemporânea age no sentido de aniquilá-la, negá-la, denegá-la fantasmaticamente. E assim, contra a falta, propõe-se “a fantasia da completude (...) depositam-se as esperanças de superação completa de todos os males que sempre

---

<sup>82</sup> CALLIGARIS, op. cit., 1986. p. 80

<sup>83</sup> Idem, p.15 (*grifos nossos*)



angustiarão o ser humano”<sup>84</sup>. Na instrumentalização do fantasma, supõe-se saber gozar com o outro, assim como também sabe fazê-lo gozar. O sujeito supõe um saber sobre o outro e o instrumentaliza através das fantasias perversas no mercado do gozo.

Safatle<sup>85</sup> aventa que estamos no mundo do consumo que pede direito ao gozo, precisa da procura do gozo, pois é isto que impulsiona o universo do consumo, gozo através da *infinitude plástica forma-mercadoria*. O gozo é um imperativo que põe em obra a instrumentalização do fantasma na fantasia do sujeito. É interessante observar que Safatle cita Lacan para dizer que este trabalhou 30 anos até chegar à explicação do declínio da *imago paterna*, e não da função paterna, o que é importante frisar. Afirma para tanto que isto abre espaço para o advento de figuras fantasmáticas de autoridade, como o pai primevo do mito *Totem e Tabu*, pai senhor do gozo. Afirma que não estamos mais em uma sociedade em que se articula civilização, repressão e negação ao gozo, a barra ao gozo absoluto do discurso do mestre.

O que se tem é um goze de todas as maneiras. O imperativo Goze, está vinculado à demanda de consumo. Neste ponto constatamos a proposta do trabalho de que os sujeitos neuróticos instrumentalizam suas fantasias perversas, fantasias de completude gozosa na sociedade de consumo. A assertiva elabora-se no fato de que o neurótico tenta pôr em ato sua fantasia através do consumo dos objetos. Parece uma solução incólume, porém a via dos objetos enquanto semblante obturante da falta é fadada à impossibilidade, é a falácia do capitalismo que iremos abordar mais adiante, pois “... um semblante sempre e necessariamente persegue a difícil tarefa de demonstrar que não é um semblante”.<sup>86</sup> Analisando a atualidade, a montagem perversa é aquilo que decorre de uma apropriação da lógica capitalista pelo neurótico.

O que avançamos para além desta formulação é propor que o laço com objeto do capitalismo faria o *semblante* do saber paterno, semblante precário é bem verdade. Sendo assim, os objetos encarnariam a possibilidade imaginária da consistência do saber do pai ser dado como conhecido pelo neurótico no laço. A possibilidade da

---

<sup>84</sup> PACHECO, R. P. O Capitalismo neoliberal e seu sujeito. In: Mental, junho, ano/vol. II, n. 04. 2001, p. 9.

<sup>85</sup> SAFATLE, V. P. *Depois da culpabilidade*. In: Dunker, Christian; Aidar, José Luiz. (Org.). Zizek Crítico: política e psicanálise na época do multiculturalismo. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

<sup>86</sup> CALLIGARIS, op. cit. 1991, p. 112-113.

realização e da sutura através deste enlaçamento ofertaria a sustentação do Outro no capitalismo. São as formulações que nos lançamos neste trabalho.

Safatle<sup>87</sup> nos propõe, portanto, uma enunciação dos fantasmas através do consumo, fantasmas masoquistas, de autodestruição e sadismo. E isto poderia ser dado via fetichização da mercadoria, via imperativo do gozo no mercado da consumação, em que o sujeito consome até se consumir conforme a lógica do capital. É uma *instrumentalização do fantasma neurótico posto em cena no laço* através dos imperativos do capital. É nesta assertiva que desejamos chegar, para aferir que mais do que utilizar a expressão “montagem perversa”, desejamos anunciar a “instrumentalização do fantasma neurótico” como uma saída lançada pelo Capitalismo que apresenta a consistência do laço entre neuróticos na atualidade.

A utilização “montagem perversa” figura-se assim, como um recurso de retórica, para que possamos avançar no trabalho e pontuar a abordagem de um instrumental mais complexo e refinado criado por Lacan entre 1970-74 que anunciará sua constituição através do *Discurso do Capitalista* como liame hegemônico para dizer da atualidade, para dizer dos excessos do *Capitalismo avançado*, o qual parece nos apregoar *em um atravessamento da lei do mercado na lei do desejo*<sup>88</sup>.

---

<sup>87</sup> SAFATLE, V. P. Op. cit p. 119-138

<sup>88</sup> ROSA, M. *Gozo e política na psicanálise: a toxicomania como emblemática dos impasses do sujeito contemporâneo*. In: Traumas/org. Ana Maria Rudge; Betty Fuks et. al.- São Paulo: Editora Escuta, 2006. p.105

### Capítulo 3. Os discursos e a Psicanálise

*Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?  
Será essa, se alguém a escrever,  
A verdadeira história da humanidade.  
O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós,  
só o mundo;  
O que não há somos nós, e a verdade está aí.  
Sou quem falhei ser.  
Somos todos quem nos supusemos.  
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.  
Que é daquela nossa verdade —  
o sonho à janela da infância?  
Que é daquela nossa certeza —  
o propósito a mesa de depois?  
Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas  
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,  
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.  
Que é da minha realidade, que só tenho a vida?  
Que é de mim, que sou só quem existo?  
Quantos Césares fui! [...] <sup>89</sup>*

#### 3.1. É possível a instauração de uma tipologia dos discursos?

Em 1969 Foucault enunciou a conferência *O que é um autor?*<sup>90</sup>, trazendo, em sua discussão, a *autoria* como questão, assim como os *discursos* enquanto possibilidade de laço social no qual a autoria teria função de sustentar um nome no interior de determinado discurso. Foucault afirma que o trabalho apresentado em sua conferência pode ser abordado como um indicador de caminhos de análise, sujeito ainda a inúmeras sugestões, é um trabalho inacabado, com pontos a serem discutidos para novas indagações. Para tanto, Foucault interroga: mas afinal, *o que é um autor?* O que é um discurso? Quais os autores instauradores de discursividade? É possível propor uma *tipologia dos discursos?* Como se pode sustentar uma autoria em tempos em que os nomes parecem sumir do campo científico?

---

<sup>89</sup> CAMPOS, Álvaro de. *Pecado Original*, In: Poesia Fernando Pessoa Álvaro de Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

<sup>90</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Tradução de Jairo Gerbase e Clarice Gatto em 1969 com o título original “Qu’est-ce un auteur? In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 264-298

Estas eram algumas indagações que o estudo de Foucault trazia. Assim, o discurso foi proposto fundamentalmente como um *operador de análise das relações sociais*, fosse à análise para a sustentação de uma autoria ou para qualquer relação dada em um determinado campo social. Para tanto, o autor aponta a importância de se estudar os discursos, suas formas de movimentação e sua existência no campo social. É preciso saber o que sustenta a existência e a movimentação de um laço social. O campo das *discursividades* está posto em toda e qualquer relação.

O que Foucault irá definir como *discursividade* terá a função de definir o que irá chamar de o lugar da verdade. Instala-se, portanto, a formalização dos ditos *instauradores de subjetividade*, os inauguradores de discursividades que sustentariam um lugar de verdade, operando uma diferenciação em relação aos saberes já estabelecidos em um determinado campo do saber de uma determinada época vigente.

Dois grandes instauradores de discursividade que Foucault aponta são Freud e Marx haja vista que tanto um quanto outro fundam no interior de suas conceituações, diferenças profundas em relação a saberes já estabelecidos na época, o que possibilitará a formação de uma formalização muito singular tanto no campo discursivo apontado por Marx para a sociedade vigente, quanto no que Freud anuncia para a criação de um discurso analítico. Quando muitos nomes importantes desaparecem dos textos científicos, Freud e Marx sustentam um lugar ímpar de autoria, o que irá implicar em uma movimentação no sentido de uma diferenciação não só dentro do saber acadêmico da época, mas também no que se refere a uma subversão dos discursos já impostos e formalizados da própria sociedade em que estes pensadores viviam. Isto ocorre uma vez que os textos de Freud e Marx convocam e autorizam a uma propriedade na autoria.

Foucault, portanto, vai além, e propõe um *retorno* ao que chama de uma lacuna do texto para marcar a instalação de um lugar de verdade que diz respeito à própria autoria para se interrogar acerca do que é um autor e como pode ser dada uma autoria em um determinado campo de discursividade. Ou seja, para que um determinado discurso possa ser dito como um operador de discursividade, é preciso que este convoque a uma proposta de subversão de um saber já compilado em um determinado campo. É preciso que este convoque a autoria a um lugar de verdade. É necessário o retorno a uma lacuna do texto, lacuna que provoca a transformação de um determinado campo discursivo. Neste ponto, chegamos a Lacan, quando este irá afirmar que na conferência de Foucault, sentiu-se *convocado* a falar, a dizer algo, no que se refere ao que Foucault

propõe como um *retorno a*<sup>91</sup>, haja vista que o que Lacan objetivou desde o início de seus estudos para seu ensino no que concerne à psicanálise, formalizou-se pela proposição de um *retorno a Freud*.

Segundo Alberti<sup>92</sup>, Lacan “respondeu a convocação ocupando-se da relação entre verdade e saber e observando que se a verdade é o lugar em que se produz a fala (sempre da ordem da ficção), o saber implica a articulação entre verdade e traço unário,  $S_1$  (...) a marca deixada pela inscrição significante.” O importante para Foucault era marcar não só a função do sujeito, mas também suas relações de dependência, o que Lacan vai dizer da constituição do sujeito atravessado pela linguagem e pela relação com o Outro. Ou seja, quais os lugares preparados previamente pelo que é da ordem da linguagem, e logo do social, que nos cerca e nos antevêm, para que neste lugar, possa advir um sujeito?

Com esta breve introdução do que em Lacan pôde, por ventura, ter causado uma convocação através das palavras de Foucault no que se refere ao tema dos discursos, passamos ao desenvolvimento do que possam ter sido as possíveis respostas de Lacan, para a formulação de uma *tipologia dos discursos*, seus modos de existência e articulação no campo social.

---

<sup>91</sup> ALBERTI, S. op. cit. (s/d)

<sup>92</sup> Idem, p.46

### 3.2. Os quatro discursos de Lacan

(...) o que funda e define cada realidade<sup>93</sup>

Para tratar dos discursos propostos por Lacan é importante observarmos o momento histórico contemporâneo ao seminário de livro XVII, pois este representava uma época de grande crise social na França. Maio de 1968 não era um ano comum, representava a recusa e a insatisfação por parte dos estudantes e trabalhadores que criticavam o modelo do capitalismo de consumo, haja vista que o mundo estava na transição do capitalismo de produção para o capitalismo de consumo. A sociedade *pós-fordista* recrudescia sua pujança. Poderíamos dizer do capitalismo da acumulação para o capitalismo da consumação.

Não é por nada que Lacan em 1969 inicia seu seminário em Vincennes. A psicanálise entra para dar seu testemunho ao momento histórico - o inconsciente é atemporal, mas isto não significa que seja a-histórico. Muito pelo contrário, não há como levar em conta um sujeito sem as amarrações, os laços de sua época. Olivieri<sup>94</sup> nos lembra que ainda neste momento da história o homem enviava o primeiro vôo tripulado à lua. O homem pode ir a muitos lugares, era ao que este momento nos convocava. O seminário de Lacan nos leva também, nos leva para a formalização de nossos próprios laços. E vai além. Compassivo as questões da época, Lacan traz para suas discussões a ciência e o capitalismo como pontos de crítica fundamental. Em tempos em que ciência e capitalismo juntos estão de pronto a provocar verdadeiras barbáries em nome do conhecimento e do capital.

Lacan, portanto, em 1969-1970 desenvolve uma teoria *dos quatro discursos* no seminário 17, *O avesso da psicanálise*, seminário ministrado na *Faculdade de Direito* em Paris. O objetivo era propor uma articulação entre o campo da linguagem e o campo do gozo. O discurso como um operador de análise do laço social. O laço social como sendo o próprio campo discursivo, não descolado ou deslocado deste lugar de articulação, pois à medida que fosse possível apreender o que estaria em jogo em um

---

<sup>93</sup> LACAN, J. O seminário, livro 20 *Mais ainda*. p. 45.

<sup>94</sup> OLIVIERI, F. A aletosfera, lugar de objetos agalmático. In: Saber, verdade e gozo: leituras do seminário livro 17 de Jaques Lacan. RINALDI, D.; JORGE, M, A, C. (orgs.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

determinado campo discursivo, seria possível localizar o laço posto em cena pelo campo social. A psicanálise inaugura com esta formulação de Lacan um instrumento para operar no campo social. É a inscrição patente da psicanálise como instrumento de análise social. Para tanto, os discursos propostos por Lacan apresentam-se como formas de compreensão, articulação do liame, laço entre sujeito e Outro.

Cada discurso, portanto, fala de uma determinada escritura, de um determinado laço, enlaçamento que propõe a relação, a tática da trama entre o sujeito e Outro. E o que enlaça, ata sujeito e Outro é laço, é liame social, protótipo construído na trama de tudo o que faz o humano se ligar, religar, desligar e se arrolar ao mundo, existir. Na conferência de Milão em texto ainda não publicado Lacan retoma a questão dos discursos para definir: “O discurso é o que? É isto que, na ordem (...) na ordenança disto que se pode produzir pela existência da linguagem e faz função de laço social”<sup>95</sup>.

Mais adiante no seminário 20, Lacan<sup>96</sup> voltará a enunciar a definição de laço social associada à de discurso:

Canso de dizer que essa noção de discurso deve ser tomada como laço social (...) (p. 28).

No fim de contas, há apenas isso, o laço social. Eu o designo com o termo discurso, porque não há outro meio para designá-lo, uma vez que se percebeu que o laço social só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, se situa sobre aquilo que formiga, isto é, o ser falante. (p. 74).

Quinet<sup>97</sup>, seguindo os escritos de Lacan, retoma que o discurso como uma articulação entre sujeito e Outro, é uma metabolização do gozo, na qual se pode reatar com uns e cortar, romper, rescindir com outros. Os laços sociais são formações discursivas que delineiam e regulam as relações humanas, *feitas de libido e tecidas de linguagem*.

Jorge<sup>98</sup> ressalva a afirmação de Lacan quando este propõe: “os discursos como formas particulares por meio das quais são estabelecidos liames sociais, é porque todo o discurso é uma articulação *entre sujeito com Outro*, protótipo de todo o liame social.” O

---

<sup>95</sup> LACAN, J. op. cit. 1985[1972-1973], p. 51

<sup>96</sup> Idem.

<sup>97</sup> QUINET, op. cit. 2006, p. 52

<sup>98</sup> JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: DORIS, R.; JORGE, M. A. C. (Orgs). Saber, Verdade e Gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002. p. 27

autor, aponta ainda, a contribuição de Lacan para sustentar o *liame social enquanto essencialmente fundado na linguagem*.

A originalidade dessa teoria e o contexto sociopolítico no qual surge não impedem que ela seja um verdadeiro corolário de fundamentais desenvolvimentos lacanianos anteriores, já que trata do *liame social enquanto essencialmente fundado na linguagem*: se o inconsciente é estruturado como linguagem, como Lacan postulou desde 1953, o liame social não deixa de sê-lo. Dito de outro modo “a lógica do significante tanto ordena as relações humanas quanto estrutura o inconsciente coletivo”. Assim os discursos produzidos por Lacan correspondem às estruturas mínimas de todo e qualquer liame social, sempre concebido como fundado exclusivamente pela linguagem.<sup>99</sup>

Os enlaçamentos do sujeito são tecidos pela linguagem e, portanto, discursos - formas do sujeito se enlaçar ao Outro e ao objeto do desejo que comportam uma perda de gozo no laço, para que este possa existir.

Freud, já em 1930, conforme foi trabalhado no capítulo anterior, no texto sobre *o Mal-estar na civilização* aponta as fontes do sofrer humano. Uma destas, a mais contundente – a relação com outros homens na leitura de Lacan – , podemos designar a relação sujeito-Outro. À medida que um sujeito realiza sua inscrição na cultura, o *mal-estar* inerente do laço tem de ser sustentado para que haja vida em sociedade. A falta estrutural da castração tem de estar posta no laço para que o humano possa advir em sua inscrição na cultura.

O sujeito humano tem de ser posto a prova, para que apartado de seu desejo desde sua inscrição estrutural pela barra da linguagem, possa incidir no laço como sujeito desejante.

Freud postulou então, as impossibilidades das profissões: governar, educar, analisar e Lacan, a de fazer-se desejar. Haverá sempre um impossível de ser realizado como todo na sociedade, uma impossibilidade inerente do laço para dar a condição de humano, de sujeito desejante enlaçado na cultura sob a condição imposta pela linguagem.

Desta forma, os discursos de Lacan são articulações, aparelhamentos destas mesmas impossibilidades do humano apontadas por Freud no texto do *Mal-estar*, e abordadas através dos discursos para fazer enlaçar sujeito e sociedade: *o discurso do*

---

<sup>99</sup> Idem, p. 19.



*mestre, o do universitário, o do analista e o da histérica.* Cada discurso, portanto, fala de um lugar *não - todo*, ou seja, de uma impossibilidade inerente ao laço. Inicialmente quatro; quatro discursos, quatro impossibilidades.

Posteriormente, na universidade de Milão em maio de 1972, Lacan apontou uma quinta formalização, o *discurso do capitalista*, também chamado de uma *mutação do discurso do mestre, corruptela do discurso do mestre*. Pois discursos, de fato, haveria apenas quatro.

O que se convencionou chamar de quinto discurso seria na verdade uma mutação aparelhada do discurso do mestre para dar conta dos extravios da atualidade e de seus excessos e violências que se direcionam no sentido de aniquilar a falta constitutiva do sujeito. No caso da atualidade que atravessamos, poderíamos pensar nos excessos em direção ao imperativo de gozo.

Seja a pontuação como mais um discurso, um quinto discurso – *o do capitalista-*, ou mutação do que Lacan já havia abordado antes como *discurso do mestre*, o discurso do capitalista é proposto também como *o discurso do mestre moderno*. Quanto ao que diz respeito às diferentes nomações sobre o discurso do capitalista, não pretendemos desvendar, não é objetivo deste trabalho. O objetivo é abordar o discurso do capitalista em consonância com a contemporaneidade que o põe em obra. Além disto, acredita-se que o mais interessante é observar o feito de Lacan como uma genialidade, a ponto de apresentar mais uma formalização no momento em que já havia apontado quatro. Mais uma, no sentido de descompletar a ordem já justaposta de um número par, quatro.

O discurso do capitalista viria assim, para descompletar a ordenança do par e fazer valer mais uma impossibilidade singular, singularidade para falar da atualidade na qual algo foi posto em cena na mudança do sistema capitalista de produção e de acumulação, para um capitalismo do efêmero, no qual o capital dita as regras do mercado em prol do império do consumo. Disso, decorre uma sideração do sujeito diante da produção desenfreada de demandas ofertadas pelos objetos. Este ponto é um dos assuntos principais que se deseja tratar neste estudo, que será desenvolvido ao longo do texto.

Ainda sobre a definição da formalização do discurso, Lacan<sup>100</sup> apontou o discurso como *sem palavras*; as palavras são contingentes, já o discurso é evanescente, é uma estrutura que subsiste na relação de um significante para outro significante, é um aparelhamento de gozo, pois é a articulação da cadeia significante que produz o discurso. Para Quinet<sup>101</sup> “os discursos como laços sociais são formas de tratamento do real do gozo pelo simbólico”. Atar o gozo via simbólico no social.

Cada discurso é uma configuração significante, uma estrutura que subsiste e ultrapassa a palavra posta em cena, para além da palavra pronunciada. É a presentificação do sujeito no liame e também a denúncia de modos de gozo. O discurso, no entanto, pode ser uma estrutura sem palavra, mas nunca sem linguagem, pois sem a linguagem os quatro e o discurso do capitalista, não teriam como se sustentar. A linguagem é aporte do discurso, para fazer surgir o humano como fundação do sujeito no laço, o sujeito constituído e posto em cena como falante, faltante, cindido e social.

(...) o que está em questão no discurso como uma estrutura necessária, que ultrapassa em muito a palavra, sempre mais ou menos ocasional. O que prefiro, disse, e até proclamei um dia, é um discurso sem palavra. É que sem palavra, na verdade, ele pode muito bem subsistir. Subsiste em certas relações fundamentais. Estas não poderiam se manter sem a linguagem. Mediante ao instrumento da linguagem, instaura-se um certo número de relações estáveis, no interior das quais certamente pode-se inscrever algo bem mais amplo, que vai bem mais longe do que as enunciações efetivas. Não há necessidade destas para que nossa conduta, nossos atos, eventualmente, se inscrevam no âmbito de certos enunciados primordiais. Se não fosse assim o que seria do que encontramos na experiência, especialmente a analítica - ...?<sup>102</sup>

Os discursos possuem formalizações, posições em que o sujeito pode ocupar quatro lugares diferentes e fixos: agente, outro, produção e verdade.

O primeiro – o lugar de *agente*, formaliza um dito – enuncia uma ação para ser realizada pelo outro – é a dominante de cada discurso. Este agente é impelido por uma verdade através da qual põe o outro para trabalhar.

---

<sup>100</sup> LACAN, J. (1970/1992). O Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>101</sup> QUINET, op. cit. 2006, p. 52

<sup>102</sup> LACAN, op. cit. 1992, p. 10/11

Megale<sup>103</sup> ressalva que este não deve ser confundido com o conceito de sujeito (\$), já que este último é um dos determinantes que circulam nos discursos e o lugar de agente inicia o ato enunciativo.

O *agente* organiza e baliza a produção discursiva, por seu dito se faz determinante da ação social. Jorge<sup>104</sup> acresce que o agente é um modo incisivo, cada vez que toma a palavra, é uma prescrição que é dada – estabelece a própria designação do discurso.

O *outro* é aquele a quem o discurso se dirige, é o efeito que necessita de um agente para se constituir. É o lugar do trabalho que sustenta a produção. O discurso faz laço social e, portanto, se dirige ao outro – é a relação entre o sujeito e o outro, esta é a dimensão na qual o discurso se sustenta para fazer laço ou liame, o próprio discurso pode ser considerado como laço social<sup>105</sup>. Lacan<sup>106</sup> determinou o outro como *lugar do trabalho*. E se há trabalho, algo se perde, há uma perda de gozo, perda indispensável para a realização do laço social. Diante desta perda é preciso lembrar, que há perda para que haja um ganho, este se ganha no acúmulo, na mais-valia, *mais-de-gozar* definido por Lacan. A operação (agente – Outro) demarca e baliza o liame social.

Como em um jogo onde cada peça puxa e demanda a existência da peça seguinte, a lógica dos lugares nos indica que para além do que se instaura entre o agente e o outro, algo produz (produção) e alguma verdade provoca o próprio ato discursivo.

Desta forma podemos pensar conclusivamente que o conceito de discurso enuncia alguma verdade a partir do ato de agente que se dirige a um outro, no qual se produz um efeito.<sup>107</sup>

A *produção* é o resultado do dito do agente com o trabalho do outro, é o que resulta da operação entre agente e outro, é a resultante desta operação.

A *verdade* é o sustentáculo do discurso, porém sempre na condição de semi-dito (semi-dizer) – meias verdades. A verdade nunca poderá ser toda, propõe Lacan. Quando

---

<sup>103</sup> MEGALE, F. C. S. *Discurso e Laço social: debates entre a análise de discurso e a psicanálise lacaniana*. Tese de Doutorado apresentada na Universidade do Estado de São Paulo, 2003.

<sup>104</sup> JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: DORIS, R.; JORGE, M. A. C. (Orgs). *Saber, Verdade e Gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

<sup>105</sup> MEGALE, op. cit. 2003.

<sup>106</sup> LACAN. (1970/1992). *O Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. p. 161

<sup>107</sup> MEGALE, op. cit. 2003 p. 241/242. (grifos nosso)

um discurso parte do agente com determinado enunciado, parte já com uma impossibilidade que guarda o impossível de dizer a verdade por completo deste mesmo enunciado. Esta impossibilidade pode ser chamada de recalque/castração, ou barreira do real.

Isto faz com que falhe a enunciação da verdade dita por completo na ordem discursiva. A verdade posta como uma impossibilidade de ser corroborada como toda é uma marca da própria impossibilidade estrutural do sujeito de ser completo ou completado, de ser todo, de que de tudo possa dizer, ou de que há pelo menos uma palavra que dirá até o fim. Para que haja sujeito desejante é preciso que haja falta. Logo, para que haja verdade, esta tem de ser posta como um *semi-dizer*. O qual, jamais poderá ser dito por completo, pois há um real, uma barreira intrasponível de algo que falta um nome, uma impossibilidade de nominação possível. Impossibilidade que diz da não realização da relação sexual diante deste real.

Sendo assim, o lugar de cada termo constitui:

$$\frac{\text{Agente}}{\text{Verdade}} \rightarrow \frac{\text{Outro}}{\text{Produção}}$$

Além destes lugares ou formalizações, os discursos possuem termos:  $S_1$ ,  $S_2$ ,  $a$  e  $\$$ .  $S_1$  na álgebra lacaniana é o significante mestre, que representa o sujeito atravessado pela ação significante.  $\acute{E}$  a condição de articulação da cadeia. O  $S_2$  é a bateria de significantes justaposta a partir de  $S_1$ . Cadeia mínima para o deslizamento significante. O “ $a$ ” é o objeto  $a$ , objeto causa de desejo, ou mais-de-gozar. O  $\$$ , sujeito barrado para Lacan, o interdito da barra ancora o *vir a ser do sujeito* da psicanálise, o sujeito barrado pela linguagem, cindido e inaugurado à dimensão do humano.

Há vários termos. Se forneci aqui estas letrinhas, não foi por acaso. É que não quero meter coisas aí que tenham aparência de significar. Não as quero significar, de modo algum, e sim autorizá-las. Autorizá-las já é um pouco mais do que escrevê-las.

Já falei sobre o que constitui os lugares em que essas insignificâncias se inscrevem, e já aponte a sorte do que vem a ser o agente.

Este termo vem sublinhar como que uma sorte de enigma da língua francesa – o agente não é aquele que faz, faz aquele a quem se deseja agir.<sup>108</sup>

Anteriormente, pontuamos, a partir de Lacan<sup>109</sup> sobre as impossibilidades de governar, educar, analisar e fazer desejar. É importante a ressalva de que cada discurso ao guardar em si sua dada impossibilidade, guarda também uma condição estrutural de ato de discurso, possibilidade de enlace - de laço social. Foi a maneira que Lacan encontrou de hipotetizar e formalizar quatro maneiras do sujeito se capturar no laço, se enlaçar e fazer laço. Além destas, está a formalização do discurso do capitalista, maneira singular a qual pretendemos nos ater. Estas são as apostas de Lacan.

Eis o que pode servir-nos para medir nosso amor pela verdade e também o que pode nos fazer tocar de perto porque governar, educar, analisar também e, por que não? – fazer desejar, para completar com uma definição o que caberia ao discurso da histérica, são operações que falando propriamente, são impossíveis. Tais operações estão aí, elas agüentam firme, terrivelmente bem, fazendo-nos a pergunta do que vem a ser a sua verdade – ou seja, como é que isso se produz essas coisas malucas, que só se definem no real por só poderem ser articuladas, quando nos aproximamos delas, como impossíveis. Claro que a articulação como impossível é justamente o que nos dá risco, a chance vislumbrada, de que o seu real, por assim dizer exploda.<sup>110</sup>

Para tanto, nos aventuremos em cada um dos discursos.

O primeiro discurso Lacan denominou de *Discurso do Mestre*, este baliza a relação dialética entre o senhor e o escravo, condição apontada por Hegel no escrito sobre *A Fenomenologia do Espírito*, texto que serviu de inspiração para Lacan na construção da teoria dos discursos. Neste sentido, a dimensão histórica dos discursos também é levada em conta. Lacan traz a tona o liame histórico de que o escravo se libertará pelo trabalho, e este fundamento guarda um modo de uso da linguagem como logro social, uma vez que o discurso é lançado pela cadeia significante.

---

<sup>108</sup> LACAN, op. cit. 1969-70/1992, p. 161.

<sup>109</sup> Idem.

<sup>110</sup> Idem, p. 164/165.

### 3.3. O Discurso do Mestre:

*um verdadeiro senhor (...) não deseja saber de absolutamente nada – ele deseja que as coisas andem (...)*<sup>111</sup>

$$\frac{S_1}{\$} \rightarrow \frac{S_2}{a}$$

Para Lacan<sup>112</sup>, no lugar do agente está  $S_1$ , está o significante mestre que faz o discurso funcionar – o senhor que faz o discurso movimentar, no lugar do outro está  $S_2$  – saber dominado pela condição de mandamento do senhor, que esta na condição de agente absoluto. No entanto, este saber está com o escravo ( $S_2$ ), o senhor ( $S_1$ ), não tem como se livrar dele. Segundo Megale, “... há uma produção nesta relação que não se coloca como explícita, na medida em que se encontra embaixo da barra, ou seja, parece como um *a* mais, que Lacan denominará como objeto *a*”<sup>113</sup>.

O discurso do mestre, penso que é inútil informar-lhes sua importância histórica (...)

O  $S_1$  é, para andar rápido, o significante, a função de significante sobre a qual se apóia a essência do senhor. Por outro lado, vocês talvez se lembrem do que enfatizei muitas vezes no ano passado – o campo próprio do escravo é o saber,  $S_2$ .

Na era antiga, ele não era simplesmente, como nosso moderno escravo, uma classe – era uma função inscrita na família. O escravo de que fala Aristóteles está tanto na família quanto no Estado, e ainda mais em uma que no outro. Está lá porque é aquele que tem um *savoir-faire*.<sup>114</sup>

Para Lacan<sup>115</sup>, o interesse do discurso do mestre é fazer com que as coisas andem, circulem – funcionem. “Trata-se de fazer trabalhar o saber do inconsciente, não

---

<sup>111</sup> Idem. p. 21

<sup>112</sup> Idem.

<sup>113</sup> MEGALE. Op. cit. 2003, p. 250

<sup>114</sup> LACAN, op. cit. 1992, p. 18/19

<sup>115</sup> Idem.

importa como”<sup>116</sup>. Lacan coloca que “um verdadeiro senhor (...) não deseja saber de absolutamente nada – ele deseja que as coisas andem (...)”<sup>117</sup>. O senhor quer saber apenas que o outro trabalhe. O que está em jogo é o ponto do inquestionável. O escravo nada tem a questionar, só a obedecer.

É um discurso por excelência, no qual tudo deve se submeter ao interdito da lei que move o liame social. Para Lacan, o discurso é efeito da barra da linguagem, o discurso do mestre é resultante desta condição, o corolário  $S_1 \rightarrow S_2$  é a própria escritura que baliza a entrada do sujeito na linguagem.  $S_1$  – o tesouro de significantes e  $S_2$  a cadeia de significantes que se desenrola vida a fora. Entre  $S_1 \rightarrow S_2$ , o sujeito decanta.

No esforço de que o senhor (agente) faz de que tudo funcione e trabalhe bem algo se perde. Freud chamou de repetição, Lacan postulou o gozo.

### 3.4. O Discurso da Histórica

*(...) a histórica quer um mestre (...) sobre o qual ela reine e ele não governe.*<sup>118</sup>

$$\frac{\$}{a} \rightarrow \frac{S_1}{S_2}$$

O lugar ocupado pelo agente está o sujeito barrado (\$). Este discurso, portanto, parte do sujeito barrado, da divisão do sujeito – o efeito de deslizamento dos significantes. Lacan<sup>119</sup> assevera a relação importante, “ali onde penso não me reconheço, não sou – é o inconsciente. Ali onde sou, é mais do que evidente que me perco”.

A dominante deste discurso é a dúvida, a dúvida irrompe no laço. A interrogação que põe o sujeito em questão, o sujeito da razão é interrogado e impellido

---

<sup>116</sup> MEGALE, op. cit. 2003, p. 251

<sup>117</sup> LACAN. Op. cit. 1969-70/1992, p. 21.

<sup>118</sup> Idem. p. 63

<sup>119</sup> Idem, p. 96

ao questionamento da certeza. Lacan também postula que o \$ é o lugar do sintoma a ser denunciado e impellido, este ordena e põe em movimento do discurso da histérica é “a lei questionada como sintoma”<sup>120</sup>. E continua, “O psicanalista, de início, teve apenas que escutar o que a histérica dizia”. E o que de tão extraordinário e assombroso ela dizia? Não mais do que: “quero um homem que saiba fazer amor”<sup>121</sup>.

Os discursos movimentam-se à medida que se realiza um quarto de giro nos quadrípedes apontados por Lacan. É assim que surge o discurso da histérica: ao realizar um quarto de giro no discurso do mestre no qual a impossibilidade de tudo governar aparece. O discurso da histérica também pode ser chamado de discurso do analisando.

Se o discurso do mestre é a escritura da entrada do sujeito na linguagem – escritura inaugural do enlace entre sujeito e Outro -, o discurso da histérica faz laço através do sintoma dominante que faz o discurso movimentar a dúvida no outro (falo) a quem ela dirige uma demanda de insatisfação constante. O discurso da histérica faz laço pela demanda de insatisfação que suplica a *cura e a decifração do sintoma*.<sup>122</sup> O discurso da histérica não tem a ambição do propositivo, mas do desestabilizador. O que ele faz é interromper o funcionamento do sistema, ele denuncia a pretensão do S<sub>1</sub>. A histérica rompe a pretensão do mestre, embora não se proponha a construção, ele acaba por desequilibrar o lugar do senhor antes ocupado com tanta autoridade.

Megale<sup>123</sup> nos lembra os escritos de Lacan, quando propõe: “se o sujeito barrado é o lugar por excelência das formações do inconsciente, nada mais natural do que colocar no lugar de agente a questão do sintoma”. O sintoma está posto como algo que interroga, e ao interrogar questiona o outro sua posição de divisão. O sintoma aparece como o que faz o laço com outros via dúvida. O \$ leva o sujeito a proferir, articular, indagar e estabelecer liame com o outro.

Na posição do outro está o S<sub>1</sub>, o significante mestre, a quem o \$ dirige-se e faz questionar o mestre de modo a pedir que este responda algo, algo da ordem do inconsciente, algo que faz com que o sujeito se perca onde se sabe. O discurso da histérica ao questionar o S<sub>1</sub> põe a prova o discurso fechado do discurso do mestre. Este discurso propõe, em suma, via o questionamento de que as coisas não andam bem, não estão bem, ou seja, que algo escapa. É porque as coisas não caminham de forma tão

---

<sup>120</sup> Idem, p. 41

<sup>121</sup> Idem, p. 193

<sup>122</sup> JORGE, M. A. C. op. cit. 2002, p. 30.

<sup>123</sup> MEGALE. Op. cit. 2003, p. 258



harmoniosa, que há inconsciente, e há a impossibilidade e o sublime e atroz mal-estar dos laços. Neste sentido, pode-se afirmar que só a histérica faz o mestre trabalhar ao questioná-lo, pois aniquila sua possibilidade de tudo governar diante da dúvida.

Lacan propõe “que a histérica simbolize a insatisfação primeira (...)”<sup>124</sup>. Lança um desejo de saber no outro, esta é a função que emerge e faz o discurso funcionar, girar.

O discurso da histérica argúi o discurso do mestre ao apontar justamente o seu oposto, ao invés de impor uma lógica estrutural que *só deseja saber que tudo funcione*, o discurso da histérica não sustenta esta posição, visto que impõe a denúncia do *não harmonioso*. Ou seja, coloca que ao discurso do mestre falta um saber, pois não se pode ter um saber todo, *um tudo governar* – é a impossibilidade diante do real. Assim, o discurso da histérica encarna o próprio impossível do tudo fazer desejar.

Para Lacan, a histérica deseja um mestre, e por isso dirige-se a  $S_1$  com tal precisão. O outro é posto a funcionar de maneira a ser o mestre que  $\$$  tanto busca. “Ela quer que o mestre saiba muitas e muitas coisas, mas mesmo assim, não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine.”<sup>125</sup>

Na interrogação,  $S_1$  é o sujeito que produz o desejo de saber,  $S_2$  está no lugar do saber e o objeto  $a$  está no lugar de verdade. Lacan afirma: “vemos a histérica fabricar, como pode um homem – um homem que seria movido pelo desejo de saber (...)”<sup>126</sup>. Assim, no discurso da histérica, também se encontra uma impossibilidade, pois se no discurso do mestre é impossível de governar tudo, no discurso da histérica é impossível de tudo fazer desejar, conforme já apontado. Visto que o objeto  $a$  no lugar da verdade, marca a própria incompletude deste objeto que é sempre faltante. O  $\$$  faz girar um discurso em direção a denúncia do que falta, sempre falta algo a ser completado, algo da ordem do objeto  $a$  – causa de desejo.

A posição do  $\$$  faz surgir a posição de analisando, por isto a denominação como discurso da histérica ou do analisando, é a tentativa das aparições do inconsciente, a possibilidade do não saber em meio as certezas que são da ordem da pessoa e não do sujeito, é o enigma imbuído na histerização do discurso.

---

<sup>124</sup> LACAN. Op. cit. 1969-70/ 1992, p. 69

<sup>125</sup> Idem, p. 122

<sup>126</sup> Idem, p. 31

Lacan assevera que um discurso postula-se no para além da palavra – no sem palavra, isto quer dizer que o inconsciente advém nos atos falhos, chistes, sonhos que podem situar-se nos discursos, no caso do discurso da histérica o \$ é o lugar de agente que anima a inconsistência da completude e a divisão do sujeito.

Um quarto de giro no discurso da histérica, o discurso do analista dispara sua interrogação a respeito do sujeito desejante.

### 3.5. O Discurso do analista

*Ele o analista é que é o mestre. Sob que forma?(...)  
Por que sob a forma de a? <sup>127</sup>*

$$\frac{a}{S_2} \rightarrow \frac{\$}{S_1}$$

No lugar de agente, está o objeto a no discurso do analista, isto significa que inicia do que resta na cadeia significante para que o discurso se movimente. O objeto a, como causa do desejo, está em jogo para causar o desejo do outro, para fazer surgir a divisão do sujeito que lhe marca como sujeito desejante.

Estes três quartos de século, que são agora decorridos desde Freud tirou esta fabulosa subversão de tudo isto o que é... há uma outra coisa que cavalgou, e muito rudemente, que se chama menos que o discurso da ciência, que por enquanto conduz o jogo ...mesmo [o jogo] até que se veja o limite: e se há alguma coisa que correlativa desta saída do discurso da ciência, alguma coisa que não havia nenhuma chance que não publicado antes o triunfo do discurso da ciência, isto é o discurso analítico. <sup>128</sup>

Lacan marca o objeto a como efeito de rechaço; “(...) designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido e, no entanto essencial. Trata-se do efeito de discurso que é efeito de

<sup>127</sup> Idem. p. 33.

<sup>128</sup> LACAN, *Du discours psychanalytique*. In: Lacan en Itálie (p. 32-54). Paris: Éditions du Seuil. p. 50

rechaço”<sup>129</sup>. Megale<sup>130</sup> ressalta que ter este objeto como agente, é ter o resquício, o resto, o que carece e o inapreensível via palavra. O amálgama do vestígio.

O analista é, portanto, o semblante do objeto a, que parte do sujeito dividido e faltante, para o lugar que é destinado a causar desejo. Possui uma ordem de representação que reconhece seus limites de representar. O objeto do discurso do analista é o objeto causa do desejo. Lacan assevera que “é lá onde estava o mais – de – gozar, o gozar do outro, que eu, na medida em que profiro o ato analítico, devo advir”<sup>131</sup>.

No lugar do outro está a própria divisão \$, o sujeito barrado pela linguagem ao acesso da completude suprema. O agente – objeto a, causa no outro sua divisão, demarcando sua incompletude, sua castração, o outro é *não - todo*.

O significante mestre S<sub>1</sub> por sua vez, está no lugar da produção, obra do movimento agente – outro. É possível, diz este movimento. É possível que o outro - S<sub>1</sub> seja fabricado, é possível que novas certezas via incertezas possam advir. Para o sujeito que sofre de suas construções dando significados que produzem cicatrizes do fazer sofrer, é possível novas construções – amarrações desejanças.

Como mola que rege a verdade está o saber do inconsciente S<sub>2</sub>, este saber instiga o agente objeto a, a produzir a divisão no outro, possui a função de produzir a falta, o desejo via objeto a.

Este agente não responde a partir da posição do mestre, ou seja, daquele que sabe, mas sim da posição de *não-saber* própria ao psicanalista, sustenta o saber da castração e da falta. Responde pela não resposta ou pela posição de causa, causar o desejo. Isto é, da posição de objeto causa de desejo, que aciona o sujeito a dizer o que dele é tão caro, o dito de seu desejo, sem saber que sabe. O saber que interessa ao psicanalista é o saber articulado à verdade, diferente do saber do conhecimento é o saber tão intrínseco ao inconsciente.

O campo do sujeito do psicanalista, que reúne o saber verdadeiro e o objeto a, está desabilitado pelo sujeito para que, no campo do Outro, o sujeito possa advir e produzir seus significantes unários.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> LACAN, op. cit. 1969-70/1992, p. 40

<sup>130</sup> MEGALE, op. cit. 2003.

<sup>131</sup> LACAN, op. cit. 1969-70/1992, p. 50.

<sup>132</sup> JORGE, op. cit. 2002, p. 31

O discurso do analista funda um laço social singular, laço posto em cena por Freud, que propõe uma nova possibilidade de lugar, o lugar do analista conforme irá postular posteriormente Lacan. Este mesmo laço singular é posto em cena por Lacan através da teoria dos discursos. Uma análise é produto de posições que fazem girar o lugar do analista como produtor do sujeito barrado e, portanto, da falta que subjaz o desejo.

O discurso do analista está no pólo oposto ao discurso do mestre, o discurso do mestre é o avesso da psicanálise, como postula Lacan já no título do seminário 17 que nos é caro nesta articulação. E se o discurso do mestre guarda a impossibilidade de tudo governar o do analista guarda a impossibilidade de analisar tudo até esgotar. “O analista se faz causa do desejo do analisante”<sup>133</sup>.

A experiência analítica, ressalva Lacan, é uma experiência de discurso. E se esta põe em causa um discurso, propõe também algo que falta – a impossibilidade de tudo analisar. Cada sujeito guarda algo da ordem do inalisável, algo da ordem de um real que escapa.

Porém, a respeito do discurso do analista sendo o avesso do discurso do mestre e este, por sua vez, o avesso da psicanálise, Lacan assevera:

O avesso não explica nenhum direito. Trata-se de uma relação de trama, de texto – de tecido, se quiserem. Só que esse tecido tem um relevo, ele pega alguma coisa. Claro, não tudo, pois a linguagem mostra precisamente o limite dessa palavra que só tem existência de linguagem.<sup>134</sup>

---

<sup>133</sup> LACAN, op. cit. 1992, p. 36

<sup>134</sup> Idem, p. 51

### 3.6. O Discurso Universitário

*Entendam o que se afirma por não ser nada mais do que saber, e que se chama, na linguagem corrente, burocracia (...)  
(...) a ordem é: você nada sabe!*<sup>135</sup>

$$\frac{S_2}{S_1} \rightarrow \frac{a}{\$}$$

O discurso universitário propõe a educação como questão, a educação e a impossibilidade de educar. Pois educar tudo é da ordem do precário, ou mais, do impossível. Há um limite em tudo saber, na certeza de que se pode saber da completude ou a própria revelia da completude, o outro produz seus próprios descaminhos que fazem barreira ao movimento de que tudo é passível de ser notório.

Megale garante que “de certa forma podemos pensar que o que é da ordem do desejo não sucumbe por completo a este furor pedagógico”<sup>136</sup>. Falar de discurso universitário não é o mesmo que falar de instituição, porém a institucionalização deste discurso está em muito do que é produzido na academia, desde as citações, representações em nome de um saber do qual se pode falar.

A fala, o conhecimento amarrado em nome de um outro saber já compilado, que sutura a possibilidade do sujeito advir como tal \$, faltante - desejanste. O sujeito é posto às amarras do conhecimento do outro, suturado, atado em amarrações que são sempre de um outro lugar, posto no para além da possibilidade da tessitura de suas próprias imbricações. O sujeito é burocratizado. Lacan é enfático, até feroz, ao proferir em embate com os estudantes ao final de seu seminário na universidade de Paris VIII, Vincennes:

Vocês são produtos da Universidade, e comprovam que a mais-valia são vocês, quando menos no seguinte, que não apenas consentem, mas aplaudem, e ao que eu não e ao que eu não teria por que fazer objeções – é que saem dali vocês próprios equiparados a mais ou menos créditos. Vocês vêm aqui se tornar créditos. Saem daqui etiquetados como créditos, unidades de valor.<sup>137</sup>

---

<sup>135</sup> Idem. p. 29/p. 166

<sup>136</sup> MEGALE, op. cit. 2003, p. 274

<sup>137</sup> LACAN, op. cit. 1969-1970(1992), p.191

O lugar de agente está ocupado pelo  $S_2$ , Lacan aponta este tudo-saber como lugar da burocracia. É o lugar da dominante antes ocupada pelo mestre – o mandamento. Há um deslizamento do discurso do mestre para o discurso universitário. O agente  $S_2$  está à revelia de  $S_1$ , o significante mestre movimenta o saber de seu lugar de verdade.

O  $S_2$  dirige-se ao outro colocado na posição de objeto  $a$  - o agente, no entanto, fala sempre, ressalta Megale<sup>138</sup>, em nome de terceiros, o agente é marionete - subordinado ao significante mestre, ao qual deve reverência e eterna citação, citação de notoriedade:

(...) aquele que aqui se articula no termo  $S_2$ , e que está na posição, de uma pretensão insensata, de ter como produção, um ser pensante, um sujeito. Como sujeito... de maneira alguma poderia se perceber por um só instante como senhor do saber.

O  $S_2$  provoca no outro – objeto  $a$ , o efeito de nada saber, a ordem é: você nada sabe! Pois o saber é pronto – produzido, e burocratizado o bastante para dirigir-se ao outro apenas na condição de objeto, este saber estando sustentado o bastante por um  $S_1$  - no lugar da verdade e da ordem, produz um sujeito barrado ( $\$$ ), sem tamanha possibilidade de acesso a palavra ou a verdade, que está resguardada com o  $S_1$ .<sup>139</sup>

Para Lacan uma primeira conseqüência desta formação discursiva é o fato de que na operação do objeto  $a$  produzindo  $\$$ , o saber fica perdido, pois o agente  $S_2$ , não tem domínio sobre seu próprio saber – este não passará de um agrupamento de referenciais outros, pois são os outros autores que irão cercear uma verdade ilusória.

Este saber que fala de um lugar outro – não situa de onde fala. O  $\$$ , no lugar de produção não tem acesso ao significante-mestre, que faz o discurso entrar em movimento. O saber que é absoluto,  $S_1$ , fica aquém para  $S_2$  – o mestre não fornece as indicações para o caminho de chegada ao saber, desta forma os efeitos deste discurso são da ordem da burocracia – repetição débil de saber. “(...)  $S_1$ , significante-mestre que constitui o segredo do saber em situação universitária, é extremamente tentador colar-se a ele. Ali, fica-se preso”<sup>140</sup>. Na mesma direção, Jorge assinala colocações acerca do uso da psicanálise por alguns contemporâneos de Freud sob o domínio do discurso do universitário:

---

<sup>138</sup> MEGALE, op. cit. 2003

<sup>139</sup> LACAN, op. cit. 1969-1970(1992), p. 166

<sup>140</sup> Idem, p. 175

O discurso do universitário é o mais propício aos desvios em relação ao discurso psicanalítico, pois é o discurso que permite a psicologização da psicanálise. Como explicar de outro modo que grande parte dos desvios realizados pelos psicanalistas pós – freudianos em relação a Freud tenha decorrido precisamente do fato que eles passam a conduzir as análises a partir do discurso do universitário? O que surpreende é que esse discurso se caracteriza por objetivar o outro a partir do saber e, nesse sentido, a utilização psicologizante da teoria psicanalítica incorre sempre no discurso do universitário. No lugar do outro, onde o psicanalista situa sujeito, o universitário situa objeto.<sup>141</sup>

O discurso universitário traz a abnegação à própria palavra como chave do movimento, tanto o agente como o outro estão aquém do significante mestre e, portanto, impedidos da criação – atados na repetição ineficaz. Porém, à função a ser realizada é indispensável, é imprescindível que o discurso do universitário produza saberes. A indústria de medicamentos na atualidade é um exemplo patente da crença desabalada na produção científica, no saber produzido e fabricado pela ciência.

Quinet<sup>142</sup> aponta a hipótese de Elisabeth Roudinesco – com desenvolvimento da psiquiatria constituiu-se uma espécie de mitologia cerebral, os males da alma podem ser localizados, situados, mapeados e diagnosticados geograficamente, conforme uma cidade sitiada pronta a ser devastada pelo conhecimento das neurociências. “Será que não são os ‘males’ que agora são criados e categorizados em novas síndromes para serem então tratados pelas novas drogas?”. Produzem-se drogas para novas doenças ou doenças para que novos saberes, novas drogas possam advir?

O sujeito do discurso universitário é um crente, continua Quinet, é o sujeito da crença desmedida na ciência que tudo pode saber, descobrir, desvelar, abrir, devastar - jaz uma divinização do discurso universitário. Um “endeusamento”, *Deus é o acúmulo do saber*.

Os psiquiatras não devem aceder a ordenação do discurso do universitário, alerta Quinet<sup>143</sup>. O psicanalista menos ainda acresce-se, ou deixaria de assim designar-se. Não deve, ou não deveria ser crente. Crente do “*neurônio universal*”, deve-se exigir uma ética aos limites das descobertas da ciência, limites do tudo saber. Ou então, os

---

<sup>141</sup> JORGE, op. cit. 2002, p. 31

<sup>142</sup> QUINET, op. cit. 2006, p. 22

<sup>143</sup> Idem. ibidem

descaminhos farão sumir o sujeito \$ em prol do significante mestre que rege o  $S_2$  do discurso universitário.

Posterior a esta teorização sobre os quatro discursos pronunciados por Lacan, é importante que seja posto em cena o objetivo desta discussão, pois tratar das quatro maneiras de enlace do humano, sem marcar o desígnio deste estudo ficaria inconcluso o que se deseja trabalhar. Assim, trazer à baila a questão do laço é de fundamental importância.

Tratou-se de quatro laços atados via linguagem que convocam lugares ao sujeito falante. Assim, na arquitetura dos discursos, acredita-se que o mesmo é ato de marcar lugares no social, lugares estes que podem ou não sustentar a verdade do que se propõe, pois o que se pretende sustentar é que sujeito e campo social não podem ser compreendidos separadamente. Tratá-los de maneira apartada é tratar de uma outra teoria, exatamente do que não se pretende com a psicanálise. Uma vez que, para o campo psicanalítico o sujeito é fundado via laço social através da barra da linguagem. Linguagem podendo ser compreendida como inscrição necessária ao sujeito para o acesso à cultura e ao social. Com a ressalva de que ao estabelecer-se como sujeito no liame, este estabelece modos de gozo na relação com o Outro, demarcada nos discursos como formas de aparelhamento.

Assim, marcamos que o sujeito de que se trata neste estudo é também social. Desta forma, podemos dizer com Lacan, sobre o discurso, que mais do que pensar que este faz laço social, afirma-se: o discurso é o próprio laço social. É ato de atar. O sujeito é cindido pela inauguração da linguagem o que opera como pacto de produção e ato de fazer laços. Porém, entenda-se que somente cisão feita pela linguagem para inaugurar o sujeito humano não bastaria para tratarmos do sujeito dos laços. Sujeito no liame social está para além, está na ordem do que opera um caminho marcado já por Freud no texto sobre o mal-estar da civilização, o que implica a noção de um sujeito completo e pleno como um engodo, pois para estar no laço, o sujeito paga o preço com uma perda de gozo, um mal-estar estrutural e inerente ao laço, o que põe em cena a impossibilidade marcada no mal-estar de cada laço, ou na impossibilidade de uma felicidade plena e prometida na inscrição do sujeito na cultura. Conforme apontamos no capítulo um deste trabalho.

O mal-estar na cultura de Freud é o mal-estar dos laços proposto por Lacan com suas devidas descontinuidades, ou seja, para estar nos laços, não basta se fazer



humano, tem de se destinar a um mal-estar ou a muitos, pois estar inscrito significa estar fadado a ter que se haver com a inconsistência do que diz do próprio humano.

Neste sentido, os discursos são propostos por Lacan, como modos ou possibilidades de estabelecer qualquer liame social. Logo, cada um conforme já explicitado possui uma maneira de aparelhamento de gozo, o que implica a articulação sujeito - Outro. É desta amarração, do ato de atar o sujeito - Outro na atualidade que se pretende tratar no próximo item do trabalho.

Afinal, que discurso enlaça o sujeito na atualidade? Existe um discurso em específico para tratar da atualidade em que vivemos? Um discurso formalizado em inconsistências pautadas igualmente aos outros quatro discursos? Ou uma formalização que propõe algo que suture as inconsistências e o mal-estar? A atualidade traria como insígnia a promessa da felicidade plena? Soterrar o sujeito de felicidade e aniquilar a falta constitutiva? Ou quem sabe um *inibidor de mal-estar* do discurso do capitalista para tratar da atualidade que iremos abordar?

## Capítulo 4. O Discurso do Capitalista

### 4.1. Um discurso astucioso por excelência: *decifra-me ou te devoro...*

Vida louca vida  
Vida breve  
Já que eu não posso te levar  
Quero que você me leve  
Vida louca vida  
Vida imensa  
Ninguém vai nos perdoar  
Nosso crime não compensa  
Se ninguém olha quando você passa você  
logo acha 'Eu to carente'  
'Eu sou manchete popular'  
Tô cansado de tanta babaquice, tanta caretece  
Desta eterna falta do que falar.  
Se ninguém olha quando você passa você  
logo acha que a vida voltou ao normal  
Aquela vida sem sentido, volta sem perigo  
É a mesma vida sempre igual  
Se ninguém olha quando você  
passa você logo diz 'Palhaço'  
Você acha que não tá legal  
Corre todos os perigos, perde os sentidos  
Você passa mal [...] <sup>144</sup>

*De jeito nenhum que eu lhes disse que o discurso capitalista seja feio, é ao contrário alguma coisa loucamente astuciosa [...] loucamente astucioso, mas condenado a morte.* <sup>145</sup>

O Discurso do Capitalista foi apontado por Lacan com menos veemência do que os outros discursos. No seminário livro 17: *O Averso da psicanálise*, o autor aponta este discurso, porém não lhe apresenta uma fórmula própria, é somente na conferência proferida em Milão em 12 de maio de 1972 que Lacan apresenta a formalização do discurso astucioso por excelência, uma *montagem em curto circuito* <sup>146</sup>. Ou o pior,

<sup>144</sup> *Vida Louca Vida*, intérprete *Caixa* - Composição: Lobão / Bernardo Vilhena.

<sup>145</sup> LACAN, J. *Lacan na Itália*. Milão -maio/1972, p. 48. Texto não publicado.

<sup>146</sup> GONÇALVES, L. H. P. *O Discurso do Capitalista: uma montagem em curto-circuito*. São Paulo: Via Lettera, 2000.

conforme marca Fingermann<sup>147</sup>. Outras referências podem ser encontradas no ensino de Lacan<sup>148</sup> entre 1970 e 1974, sendo desta última data, *Televisão*.

Muitos nomes são dados a este discurso, o discurso hegemônico da atualidade, tanto pelos referenciais de Lacan, quanto por seus contemporâneos: mutação, aberração, o que não faz laço, o imperativo de gozo, corruptela do discurso do mestre, discurso em curto-circuito, montagem discursiva, um discurso astucioso por excelência. O discurso que ronda e enlaça a contemporaneidade é astuto o bastante para ser efeito de inconclusões. E é como inconcluso, paradoxal e indagador que iremos abordá-lo.

No cerne do conceito está sua própria funcionalidade insidiosa e audaz. Cada um destes ditos acerca deste discurso guarda uma solução incólume para justificar a magnitude com que Lacan utilizou esta escritura, em específico para tratar da insígnia social dominante de nossa sociedade.

Assim, tratar do discurso que sustenta a contemporaneidade é tratar do que diz respeito à própria ordem social vigente. Isto não significa que estaríamos anulando a presença das outras quatro formalizações lançadas por Lacan, pois o que desejamos é abordar a ordem social predominante, o ato de atar sujeito e Outro na atualidade, sujeito e sociedade que nos são tão caros neste trabalho.

O que Lacan nos deixou foram apenas indícios do discurso capitalista, o que já é muito, o que já é tenso e tenaz para fazer qualquer tipo de teorização. Um enigma proposto para dar conta de uma formulação diferente das outras quatro proposições já tratadas no capítulo anterior. O importante é marcar que em meio ao embaraço do sistema social em que aportamos, este discurso inicia com uma forma muito particular de liame, forma esta na qual, iremos nos ater para abordar esta formalização. Uma a mais, mais uma formalização, para descompletar os outros quatro discursos anteriores: *o do mestre, da histérica, o universitário e do analista*.

A orientação que iremos nos ater para dar conta da análise desta formalização discursiva neste trabalho segue a referência de Fingermann em *Por causa do Pior*, assim como as articulações propostas por Gonçalves, no seu livro *O Discurso do Capitalista uma montagem em curto – circuito*. Nesta última, a autora assinala a

---

<sup>147</sup> Fingermann, D. *Os Destinos do Mal: Perversão e Capitalismo*. In: *Por Causa do Pior*. São Paulo: Iluminuras, 2005.

<sup>148</sup> LACAN, J. “*Le Séminaire, livre 18, D`un discours qui ne serait pas du semblant*”. (1970-1) *Le savoir du psychanalyste*”. Conferências no Hospital Sainte-Anne. (1971-2a) “*Le Séminaire, livre 19, “... ou pire*”. (1971-2b) Textos inéditos

compreensão do discurso do capitalista pela dimensão da linguagem. Gonçalves<sup>149</sup> propõe que a assertiva acerca da inexistência do laço não pode ser concluída, pois este é resolução e, portanto, efeito de um modo como a linguagem aporta o ser falante. É resultado do artefato da linguagem, de seus penhascos e desfiladeiros nos quais o sujeito está pronto a rolar. Para tanto, é portador de um laço, porém não qualquer laço, um laço muito específico é bem verdade, artefato entre os que se aventuram a partir daí, para apostar no liame. É um laço em curto-circuito. Ou conforme Lacan postulou: a resolução de uma degradação do laço social.

O que Lacan nomeou como discurso do capitalista e pontuou como tão singular aos outros quatro discursos seria uma *montagem de discurso*<sup>150</sup>. Alzoz de sua própria estrutura, uma estrutura voraz e fechada, compactada a girar e girar em um circuito encurtado. Curto-circuito montado como um artefato fadado a rodar sem a possibilidade da descontinuidade que aporta os outros quatro discursos, pois enquanto discurso, não se sustentaria se tomássemos como análogo aos outros quatro, que se sustentam em uma descontinuidade e em uma perda de gozo no laço, uma falha composta pelas impossibilidades: governar, educar, analisar e fazer-se desejar.

O próprio algoritmo deste discurso remete a uma a montagem armada e amarrada em uma formalização maciça. São quatro vetores completos e diferentes em sua direção em relação aos outros. É, de fato, uma montagem em curto (-) circuito que se movimenta a velocidades estonteantes, gira à sua própria revelia. Portanto, esta formalização anuncia:

$$\downarrow \frac{\$}{S_1} \quad \nearrow \quad \frac{S_2}{a} \quad \downarrow$$

Nesta montagem de discurso, o sujeito (\$), só se relaciona com a mercadoria objetos (a), comandado pelo mestre, capital (S<sub>1</sub>). Conforme nos lembra Quinet<sup>151</sup> a ressalva de Baudrillard, em a *Sociedade de consumo* para chamar atenção de que os

<sup>149</sup> GONÇALVES, L. H. P. op. cit. 2000.

<sup>150</sup> Idem. p. 115.

<sup>151</sup> QUINET, op. cit. 2006.

homens não se cercam de outros homens, mas de objetos: carros, tvs, computadores. Produzem-se sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo.

Porém, o que se diferencia neste artefato-montagem é o laço atado, pois este não seria um laço social e sua particularidade estaria na causa que comporta o enlace. Fingermann<sup>152</sup> designou como laço perverso, ou que *perverte o humano*, haja vista que o sujeito não faria laço com o outro, mas sim com os objetos, *gadgets* no discurso corrente do mercado, que Lacan denominou de *latusas*, “O mundo está cada vez mais povoado de *latusas*”<sup>153</sup>, assevera Lacan. E continua, “e quanto aos pequenos a que vão encontrar ao sair, no pavimento de todas as esquinas, atrás de todas as vitrines, na proliferação desses objetos feitos para causar o desejo de vocês, na medida em que agora é a ciência que o governa (...)”<sup>154</sup>.

*Latusas*, termo nascido de um jogo de palavras criado por Lacan para dizer da *aletofera*, esfera das criações humanas, para designar-se através das palavras *aleteia* e *ousia*, nas quais a primeira diria do que vela e desvela e a segunda faria referência do que está entre o ente e o ser. Objetos produzidos pela ciência e tecnologia (tecnociência) a serviço da tentativa imaginária e impossível de sutura da falta inerente ao humano seriam o que faria a função de tentar a substituição da *falta-a-ser*. Objetos cheios de vento, o vento da voz humana nos lembra Lacan, o eco de tudo o que remete a uma demanda apelativa, sedutora e infundável. Um desserviço ao sujeito desejante prestado pelo discurso do capitalista.

Diante das três operações que este discurso impõe: da relação com a verdade, da presença de uma figuração de circuito-fechado e da primazia do objeto, desejamos destacar esta última como emblemática da atualidade para segregação do sujeito ao nível do lugar fixo destinado a ser unicamente consumidor. Como se somente este lugar pudesse dar lugar no mundo. Ou se é consumidor ou nada.

Nesta lógica, o objeto passou a ser “aquilo que te cativa”, e se pudéssemos tomar a frase clássica<sup>155</sup> “te tornarás eternamente responsável pelo que cativas”, diríamos que a lógica se modificou no sentido de que para o sujeito no capitalismo, diríamos talvez: “te tornarás eternamente irresponsável pelo que te cativou”. O objeto

---

<sup>152</sup> FINGERMANN, D. *Os Destinos do Mal: Perversão e Capitalismo*. In: Por Causa do Pior. São Paulo: Iluminuras, 2005.

<sup>153</sup> LACAN op. cit. 1969-1970(1992), p. 153

<sup>154</sup> Idem, *Ibidem*

<sup>155</sup> SAINT-EXPÉRY, A. *O pequeno príncipe*. 43 ed, Rio de Janeiro. Editora: Agir. 1996, p.72

tomou lugar de produzir demandas ao sujeito, o sujeito foi assaltado pela sedução dos objetos do capitalismo.

Neste sentido, Voltolini<sup>156</sup> aventava, “no discurso capitalista o desejo é rebaixado à categoria da necessidade fazendo-nos crer que como se trata de necessidade há sempre um objeto que lhe corresponde”.

Os objetos-*latusas* perseguem a difícil tarefa de fazer sutura, porém declinam diante da produção de outro objeto mais atual, melhor, com mais tecnologia acoplada e isto serve ao sistema, é a própria lógica do capital. Entra em cena a imperiosa condição do discurso a serviço da produção de demanda para que um novo objeto seja produzido, consumido – consumível.

Imperiosa condição da falta de gozo. Goza! Mais uma, mais além e mais ainda... Isto é a astúcia de uma realidade sustentada via discurso do capitalista, é a possibilidade estonteante da velocidade de se fazer possível, de suturar no engano de que o próximo objeto suture melhor, acople-se melhor.

Para além desta proposição, estaria na própria estrutura desta formalização, no próprio algoritmo desta *montagem de discurso* uma mutação do discurso do mestre. Uma corruptela. Uma degradação do discurso do mestre, discurso fundador do laço e da civilização. Isto estaria posto, à medida que no discurso do capitalista não podemos mais nos assegurar nos lugares certos do senhor e do escravo, pois neste discurso, a montagem está a serviço do capital.

Rosa (s/d) aponta que o discurso do capitalismo define a lógica do capital e do lucro como única solução possível, na qual Lacan já havia indicado esta formalização como uma *modalidade degradada do discurso do mestre*, que provoca uma desestabilização do laço social na sociedade contemporânea.

Esta lógica implica o privilegio do “(...) indivíduo consumidor, que em sua dimensão de consumido não encontra lugar para seu *pathos* (sofrimento), para formular demandas, remetido que fica à colagem do objeto da demanda ao objeto de consumo”<sup>157</sup>.

O discurso do capitalista porta uma violência produzida pela contemporaneidade da ordem do que tenta violar a lógica estrutural do sujeito faltante.

---

<sup>156</sup> VOLTOLINI, R. A “inclusão” conduz ao pior. Colóquio do LEPSI do IP?FE-USP. Disponível em: <http://www.proceedings.scielo.br/scielo>. Acesso em: 16.01.09. p. 6

<sup>157</sup> ROSA, M. (s/d). *Viver em tempos sombrios: gozo à experiência compartilhada*. Texto inédito.

Logo, sujeito desejante. Desqualifica o que é da ordem do sujeito para lançar a demanda ao nível da necessidade.

El Discurso do Capitalista ha mundializado el objeto técnico (y su participación directa em el terror organizado) pero no há derivado hacia una ‘civilización política mundial’, el fortalecimiento de las identidades religiosas, culturales, nacionales (aunque ya sea siempre bajo una forma paródica) no efectúa ningún corte em El Uno Del capitalista.<sup>158</sup>

Neste sentido, propõe-se o discurso do capitalista como (des)curso. Algo da ordem do aberrante e sagaz que tenta a *solução do paradoxo*<sup>159</sup> dos outros discursos à medida que as setas possibilitam relação entre todos os termos, enquanto os outros discursos implicam um “volume” com uma falha figurada, uma descontinuidade patente. O discurso do capitalista indica uma *figura plana, fechada*<sup>160</sup> em seu algoritmo, atada à sua própria astúcia. A impossibilidade, impotência da disjunção dos outros discursos é levada a um aniquilamento. Alberti<sup>161</sup> alude: “é como se pudéssemos dizer: o discurso do capitalista não exige uma renúncia pulsional, ao contrário, ele instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta sobretudo em primeira mão, a pulsão de morte”.

Desta forma, não poderíamos vislumbrar que a tentativa de solucionar o paradoxo humano da falta, da impossibilidade da relação sexual e do mal-estar dos laços, destinando o sujeito a ser soterrado pela felicidade plena, via *latusas*, seria a formalização de uma perversão do laço? O discurso do capitalista não seria uma montagem pronta a perverter o que chamamos de liame social?

Se ao mestre interessa que “as coisas andem”, ao capitalista interessa sustentar a insaciedade como modo de insatisfação do sujeito. Não se trata de tirania do saber, como no discurso universitário, mas da tirania da falta relativa à divisão do sujeito. Tirania do apelo à ortopedia, à síntese. O sujeito “em falta” dirige-se ao lugar da verdade, submetendo-se ao mestre no ciclo de produção de “falta-de-gozar”, que volta novamente a espicaçá-lo, refazendo-se o circuito.<sup>162</sup>

---

<sup>158</sup> ALEMÁN, J. *Derivas del Discurso Capitalista: notas sobre psicoanálisis y política*. Buenos Aires: Miguel Gómez Ediciones. 2003, p.29

<sup>159</sup> FINGERMANN, D. op. cit. 2005, p. 78

<sup>160</sup> GONÇALVES, op. cit., 2000.

<sup>161</sup> ALBERTI op cit. s/d.

<sup>162</sup> GONÇALVES op. cit. 2000, p. 74/75

Fingermann<sup>163</sup> enuncia a lembrança de Colette Soler no texto *Le discours capitaliste*: “o que Lacan escreve no discurso capitalista não é a teoria marxista da luta de classes entre o capital e o proletário”. O que há é um sujeito (\$) que pode ser qualquer um: proletário, capitalista...

O sujeito do discurso do capitalista é o à mercê das valorações do capital ( $S_1$ ). O sujeito tem a ilusão de estar em cena, porém a cena é sempre debelada pelo significante mestre ( $S_1$ ). O sujeito serve ao sistema, faz a montagem funcionar, porém a insígnia é o próprio capital. Ele está na posição de comando.

O discurso do capitalista como mestre moderno traz à tona a cena fantasmática da obturação do sujeito dividido, o discurso do mestre como fundador do discurso da civilização traz à baila o objeto a como objeto perdido, perda imprescindível de gozo. Porém, o que o discurso astucioso faz da circulação imperiosa condição do gozo, é um tudo tem um preço, um valor de troca e uso e tudo cai radicalmente em desuso para obedecer à velocidade do capital. É uma capitalização do humano. Capital humano à mercê de um imperativo de gozo.

É o sujeito do capitalismo radicalmente à mercê do sistema de que ele produz e que o produz; um sistema no qual vale tudo: qualquer coisa tem preço e valor de troca; qualquer coisa serve para fazer funcionar a máquina que faz “relação”, e alimentar a ilusão de que a coisa satisfaz, faz gozar, constitui uma oferta que responde exatamente à demanda. A precariedade desta satisfação não desalenta o sistema de produção em série ilimitada de coisas mais e mais evanescentes, descartáveis, virtuais confirma, retroalimenta, garante o sistema todo e sua reprodução se perpetua.<sup>164</sup>

É importante salientar que o discurso do capitalista não faz laço com o *outro*, com o semelhante, o que o discurso do capitalista faz é, como já citado, um enlaçamento muito especial, capcioso e astuto com os objetos que prometem a completude, sutura precária e impossível da falta.

Os objetos sim, estes são a insígnia obturante deste discurso para fazer acesso do sujeito ao mundo e então fundar um laço próprio e voraz. O laço é realizado por meio dos objetos obturadores ou que prometem e ofertam a sutura da falta, do mal-estar e da

---

<sup>163</sup> FINGERMANN, op. cit. 2005

<sup>164</sup> Idem, p. 79



solução do paradoxo da relação sexual, solução improvável. É, portanto, um discurso díspar, ímpar. Um discurso de liame via *latusas*, via objetos de fazer findar a dor, a falta, objetos do desentristecer. Como poderíamos chamá-los então: inibidores de mal-estar?

O gozo está presente na lógica do capital, no excesso do consumo dos objetos da tecnociência. A proposta de laço social anteriormente posta pelo discurso do mestre é obturada pelo objeto do discurso capitalista. Estes objetos seriam produzidos para fazer surgir no lugar do desejo, um objeto da ordem de uma demanda forjada, não pelo sujeito, mas pelo *brilho do objeto* imposto pelo mercado. O objeto torna-se assim, da ordem do palpável e não enigmático, para que *o sujeito acreditasse ser este mesmo objeto, aquele que viria fechar o ciclo da pulsão. Um objeto feito sob medida*, conforme ressalva Voltolini:

(...) no lugar da lógica desejante, na qual cada objeto não seria percebido senão sobre um fundo da ausência (simbólico) em relação ao qual seu brilho (fálico) se sustentaria, viria outra lógica, na qual o objeto é proposto como real e adequado a sua demanda; demanda que já não guardaria mais uma relação dialética com o desejo, sempre particular, mas que nasceria das qualidades contidas no objeto mesmo (...)<sup>165</sup>

A sociedade oferece os objetos de desejos a, como mercadorias da ordem: compra e venda. Cada um é explorador de seu semelhante, funcionário é parte da empresa, é perna, braço, funcionário é a empresa. Eclipsa o sujeito, fica a empresa. O capital se alimenta da impossibilidade do gozo prometido, gozo nunca alcançável, para fazer gozar, competir, legiferar, explorar, expandir, globalizar. O discurso do capitalista fabrica um sujeito animado em uma *montagem* pelo desejo do capitalista, desejo que só deseja produzir demanda de consumo<sup>166</sup>.

Para marcar a diferença entre o laço atado pelo discurso do mestre antigo e o discurso do mestre moderno, contemporâneo ou discurso do capitalista, conforme preferir, nos utilizaremos das analogias aferidas por Zygmunt Bauman sociólogo polonês, que em seu livro *Modernidade Líquida*, abre o capítulo intitulado *Individualidade*, com a seguinte citação de *Lewis Carroll*: “Agora, aqui, veja, é preciso correr o máximo que

---

<sup>165</sup> VOLTOLINI, R. O discurso do capitalista, a psicanálise e a educação. In: *Linguagem e gozo*. Nina Virginia de Araújo Leite, Suely Aires, Viviane Veras, (Orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007, p. 202

<sup>166</sup> QUINET, op. cit. 2006.

você puder para permanecer no mesmo lugar. Se quiser ir a algum outro lugar, deve correr pelo menos duas vezes mais depressa do que isso!”<sup>167</sup>.

Bauman denuncia que antes o *capitalismo era pesado*, o capital fixava-se no solo, em relação aos trabalhadores que se empregava. Os passageiros do “*Capitalismo pesado*” sabiam onde iriam chegar, pois existiam regras justapostas por um “capitão”. Vivia-se sob a égide do discurso do mestre, pois havia um mestre e um escravo.

Já na atualidade, aponta o autor: “o capital viaja leve – apenas com bagagem de mão, que inclui nada mais que na pasta, telefone celular e computador portátil... Não precisa demorar-se em nenhum lugar além do tempo de durar sua satisfação”<sup>168</sup>. Os passageiros do “*avião Capitalismo leve*” não sabem onde irão parar, pois *descobrem horrorizados que já não há mais piloto na cabine de comando*. Não há mais regras de escolhas que possam assegurar a garantia da chegada.

Porém, é importante que se entenda que a autoridade não foi abolida no capitalismo do efêmero, ela apenas multiplicou-se a ponto de que nenhuma possa ocupar o lugar de poder por muito tempo, pois este lugar tem nome. O capital. O capital conhecido do discurso do capitalista. Na lei do capital, *o mundo é como uma mesa de bufê* assegura Bauman, a infelicidade dos consumidores deriva do excesso e não da falta de escolha de objetos - mercadoria.

A infelicidade é não dar conta do excesso, a infelicidade é não poder consumir o excesso de objetos do consumo, pois o excesso faz do viver um espetáculo do imediatismo; no espetáculo da cena social, palavras tornam-se coisas, corpos tornam-se coisas, e logo, atos tangem-se na dimensão do coisificável, consumível. Este laço é o que se pode chamar de liame que o discurso do capitalista faz. Certamente muito diferente do discurso do mestre  $S_1 \rightarrow S_2$ , pois para o discurso aberrante, a opulência está  $a \rightarrow \$$ . O excesso, portanto, não é um benefício, mas um engodo.

O que a formalização do algoritmo do discurso do capitalista parece noticiar é a possibilidade de uma sutura, uma anulação da hiância do desejo proposta na fórmula da fantasia que subjaz a figuração do desejo:  $\$ \leftrightarrow a$ . Essa anulação é feita a fim de dar um acesso direto à ilusão de poder solucionar na existência de pelo menos um objeto, aquele que irá satisfazer, no nível, do palpável o gozo pleno e a felicidade toda. Um aplacar do mal-estar. Isto designa a busca desenfreada na cadeia de consumo. Uma busca infundável,

---

<sup>167</sup> BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 64

<sup>168</sup> Idem, *ibidem*.

pois o objeto proposto como suturante é uma falácia do discurso capitalista, falácia que se propõe a sustentar seu próprio engodo.

É o sujeito soterrado de felicidade nos extravios da atualidade. Extravios no sentido do discurso capitalista provocar um *(des)curso*, no que se refere ao mal-estar inerente do humano no laço social pela aniquilação da falta. Uma violência no que diz respeito à hiância do sujeito desejante. Isso nos faz lembrar a importância da advertência de Freud<sup>169</sup> no texto sobre o mal-estar, quando cita Goethe, para nos dizer que *nada é mais difícil de suportar do que uma sucessão de dias belos*.

Safatle<sup>170</sup> aponta que hoje vivemos em uma *ética de direito ao gozo*, o discurso do capitalista necessita da lógica incessante a procura do gozo, isto é o que impulsiona as possibilidades e uma infinidade de escolhas no universo do consumo. Na atualidade vive-se em uma sociedade que possui um imperativo de gozo. Goza! Mas quem deve gozar? Quem faz gozar? Quem faz a montagem funcionar?

Quinet<sup>171</sup> nos lembra que Lacan propõe o laço social como uma forma de enlaçar gozo e linguagem. Um discurso constitui-se como um modo de uso da linguagem como liame social, uma vez que este é produzido na articulação da cadeia significante. E todo o discurso é discurso de dominação, de querer dominar. No *discurso do mestre*, mestre/senhor (S1) comanda um escravo (S2) para produzir objetos (a) dos quais ele irá gozar. No discurso do mestre podemos ver a relação dialética entre o senhor e o escravo. A relação da qual nos apontava Zygmunt Bauman sobre o *Capitalismo Pesado* da era de fordismo, relação esta da qual sabíamos quem dominava quem era dominado, os lugares justapostos ao chão, ao peso de suas posições sociais bem definidas: um agente legifera uma ordem para o outro, o escravo.

Já na atualidade do *Capitalismo leve* e volátil da *Modernidade Líquida* aponta Bauman, não se sabe mais quem está em que lugar, pois tudo é da ordem do efêmero, da troca, em nome do bem de todos. No Capitalismo neoliberal, o capital é impessoalizado, as leis são invisíveis. Que fez da liberdade de todos o aprisionamento de todos na lógica comum do capital. Assim, o discurso do capitalista serve ao sistema, sustenta-o, é o

---

<sup>169</sup> FREUD op. cit. 1930/1996, p. 84

<sup>170</sup> SAFATLE, V. P. *Depois da culpabilidade*. In: Dunker, Christian; Aida, José Luiz. (Org.). Zizek Crítico: política e psicanálise na época do multiculturalismo. São Paulo: Hacker Editores, 2005, p. 119-138

<sup>171</sup> QUINET, op. cit. 2006.

protagonista que o faz funcionar, vivaz e exuberante. Ou algo do tipo: *American way of life!*

Maurano<sup>172</sup> denuncia a vida na atualidade, como um viver em tempos “que se abomina o impossível... Tempos de *qualidade total*”. As impossibilidades são abomináveis, sempre a meio caminho da superação, da *super* superação, das resoluções simples, com técnicas, ajustes plásticos, magnéticos, eletro-eletrônicos, uma verdadeira mágica do superar o humano, com acesso à demanda e à procura. Um mercado do indizível, do impalpável, do invisível, onde tudo pode ser dito, tocado e visto até o fim.

E um fim com sucesso, é claro! O sucesso é fundamental, “o imperialismo do sucesso é palavra de ordem”<sup>173</sup>. Amor, felicidade, sexo, satisfação, e tudo em suaves prestações de *gozo*, que podem ser à vista, ou em dízimo, ou como indeléveis notas promissórias, notas do não doer. Notas do apagar a dor humana, a falta, a angústia, o implacável do resto, que resta e que nunca será possível de ser completado. A *falta-a-ser* do sujeito na atualidade e uma *falta-a-ser-rico*<sup>174</sup>.

É um risco aviltar-se como humano na atualidade, o humano mais parece um móbile no furacão da mobilidade dos investimentos objetivos, o humano tem valor de troca, é moeda fácil na economia do gozo. Como existir na atualidade? Como fazer laço? A que tipo de laço aceder? A que tipo de extravios aceder? ...

Steffen<sup>175</sup> trata a questão da atualidade e do humano, no sentido de que é preciso que o sujeito contemporâneo recupere a liberdade de ser limitado e limitável, é necessária a consonância *sujeito – desejo*, não sendo este, portanto, passível de ser completude e muito menos completado, haja vista a falta, ser-lhe estruturante e por assim ser, nos coloca em direção à vida, em direção ao desejar.

Não se pretende supor que o sujeito na atualidade está passível da completude via objetos, sabe-se que a falta é condição estrutural para o que diz respeito ao tratamento do sujeito neurótico. Porém, o que se propõe é que a atualidade ancora-se em uma fantasia de completude através da consistência do grande Outro. Ou seja, o sujeito contemporâneo promove no laço, laço perverso, a consistência, tenta o tamponamento da castração do grande Outro via objeto através do imperativo gozo do consumo.

---

<sup>172</sup> MAURANO, D. M. *Em tempos de Qualidade Total...* Texto publicado em Documentos, n.13, 2000. p. 1

<sup>173</sup> Idem.

<sup>174</sup> QUINET, op. cit. 2006.

<sup>175</sup> STEFFEN, R. *Psicanálise – Século XXI*. Texto Introdutório à Obra de S. Freud, apresentado, na sede da Associação Campinense de Psicanálise. Março /2006. (Material não publicado).

Neste ponto, lançamos o questionamento: o que, afinal, possibilita que um sujeito neurótico instrumentalize suas fantasias perversas no laço da atualidade via discurso do capitalista? Estes questionamentos nos impelem ainda, a nosso capítulo final.

## Capítulo 5 - A título de *Inconclusões*

### 5.1 A Inércia Totalitária do laço e a psicanálise na atualidade ou *para que não se esteja a querer inventar a máquina de fazer felicidade...*

#### *Falas da civilização*

*Falas de civilização, e de não dever ser. Ou de não dever ser assim. Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos. Com as coisas humanas postas desta maneira. Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos. Dizes que se fossem como tu queres, seriam melhor. Escuto sem te ouvir. Para que te quereria eu ouvir? Ouvindo-te nada ficaria sabendo. Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo. Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres. Ai de ti e de todos que levam a vida A querer inventar a máquina de fazer felicidade!*

*Alberto Caeiro*

A suposição deste estudo é a de que a fantasia de completude gozosa<sup>176</sup> seria uma forma de instrumentalização do sujeito no laço da atualidade por meio do discurso do capitalista. As mercadorias enquanto objeto *a - causa de desejo*, ao invés de causar o desejo via falta, seriam oferecidos ao sujeito como tentativa de gozo excessivo, o gozo no excesso do consumo. O gozo imperativo do mercado. Algo da ordem da homogeneização do consumo via objeto faz função de tentar suprimir a singularidade, a falta que impele a pujança do desejo. Esta assertiva comportaria a falácia do capitalismo, o engodo da

---

<sup>176</sup> JORGE, M. A. C. *A travessia da fantasia na neurose e na perversão*. Estudos de Psicanálise. Publicação anual do Circulo Brasileiro de Psicanálise - Rio de Janeiro. Nº 29 Set/2006.

atualidade que faz função de tentar dizer o que nos tornará irremediavelmente melhores, felizes, maiores, imunes, impunes.

A instrumentalização do fantasma neurótico posto em cena via lógica do capital é, portanto, a presteza, a narrativa que construiria no capitalismo, a armadilha na qual o sujeito estaria pronto a aceder. O neurótico cria um saber encarnado no coletivo que o assegure de que estão todos juntos, afeitos na mesma fantasia, no mesmo laço, afiançados a um único Outro sem furos. Em troca, o neurótico confere-se como instrumento deste saber.

Calligaris<sup>177</sup> apontou esta formulação a partir dos referenciais de Lacan como uma *montagem perversa*, o que denominou de o usual do laço, conforme mencionado nos capítulos iniciais deste trabalho. Estamos falando, portanto, de laços entre neuróticos e não de estrutura perversa, ou melhor, de como o neurótico faz laço na atualidade. É o que desejamos afirmar durante todo o percurso deste estudo.

Contudo, nesta parte final, almejamos destacar a necessidade da compreensão de que quando este lança a assertiva ‘usual do laço’, está propondo o ‘usual’ para qualquer laço social estabelecido. O que desejamos propor é que, no sistema capitalista avançado, via discurso do capitalismo, o laço perverso está presente de maneira a exercer tal imposição, impostura que se potencializa e chega a postular uma aniquilação do coletivo para mediar uma subjetividade siderada no individualismo no laço com o objeto fetiche, o que se configura como a *Inércia Totalitária do laço*<sup>178</sup>.

Pacheco assegura que esta é “(...) a origem de inúmeras tragédias sociais, frutos da certeza dessa ilusão coletiva compartilhada: os totalitarismos de direita ou esquerda, os genocídios, os fundamentalismos religiosos, os genocídios e massacres racistas ou xenófobos e assim por diante”<sup>179</sup>.

Se pudéssemos ler o tecido social, ressalvaríamos que os domínios do discurso do capitalismo tende a um alargamento sem precedentes, na atualidade. Observaríamos os totalitarismos não só nos grandes genocídios, mas em diferentes laços internos incrustados na segregação daquele que não tem como consumir. A venda do conhecimento, o conhecimento a peso de moeda de troca, a universidade que está sob os domínios do comércio da privatização é uma exemplificação pungente. Nunca a figura

---

<sup>177</sup> CALLIGARIS, C. *Perversão – um laço social?* Salvador: Cooperativa Cultural Jaques Lacan, 1986.

<sup>178</sup> Conferência apresentada pelo prof. Raul Albino Pacheco Filho intitulada: *O capitalismo na mira da psicanálise* (título modificado) – Universidade de São Paulo, Nov/2007. Texto Inédito.

<sup>179</sup> Idem, p. 2-3

do *a-estudado* de Lacan foi tão precisa. O estudante como peça do mercado, como mais-valia, como parte da engrenagem.

Do mesmo modo Pollo<sup>180</sup> assevera que na sociedade do capitalismo avançado o que está em jogo é *o direito de não ser incomodado*, o direito a uma distância ótima, sadia dos outros, o direito de que o que é do outro não incomode o bastante para que não necessite me movimentar, para que não cause mal-estar, para que não haja necessidade de revolta. Estamos todos bem, muito bem, cada qual com seu devido ‘bem’.

Ou estamos todos acuados o bastante para temer qualquer passo em falso para fora do sistema, qualquer passo subversivo demais ao laço imposto. Qualquer passo para ficar abismado demais. Abismado com as catástrofes, com as carnificinas, com a fome, com a violência, com a corrupção, com o degredo do poder. Nada é doce. E decidimos, mas, afinal, não temos tempo para grandes feitos, para feitos grandiosos, temos todos que trabalhar amanhã.

Os domínios do capitalismo alavancam uma figuração “(...) tal como um corpo cai pelo seu próprio peso em um processo gravitacional. E cobra uma ampliação sem limites (...). O Outro não existe, mas mesmo assim, o sujeito deve sustentar a sua pseudo-existência: mesmo que seja às custas da sua insatisfação ou impotência, *ou da usurpação do que é da ordem desejante*”<sup>181</sup>.

O discurso capitalista contribui para que o humano ate um laço perverso na atualidade, é o que apregoa a *inércia totalitária* do liame. Ao ancorar-se neste laço, o sujeito no capitalismo destinar-se-ia atado à consistência do Outro, um Outro potente chamado Capital, a mola mestra do Capitalismo e de seus tentáculos. A tentativa de sutura da falta do Outro através do consumo, nomearia a inércia, uma inércia que não teria outro nome a não ser o que dedicamos aos laços sombrios do totalitarismo.

Haja vista que o todo, completamente suturado, usurpado da falta, é falso no que diz respeito ao sujeito desejante. Porém, a fantasia como roteiro de completude via consumo que pede direito ao imperativo de gozo amarraria, enlaçaria o sujeito pela ilusão, insígnia fálica sustentada via *latusas*. É o que chamaríamos de padronização dos ‘valores-desejo’ pelos objetos do mundo, aventar uma possível humanização do desejo.

---

<sup>180</sup> POLLO, V. *Segregação e violência em sujeitos e adolescentes*. 2008. Anais de congresso. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/8-cong-anais/>. Acesso em: 05.01.2008

<sup>181</sup> Conferência apresentada pelo prof. Raul Albino Pacheco Filho intitulada: *O capitalismo na mira da psicanálise* (título modificado) – Universidade de São Paulo, Nov/2007. p. 2-3. Texto Inédito.



É o que se configura como um perigo que ronda a possibilidade de que o sujeito deixe de sustentar um ‘enigma’, ao precipitar-se também como um objeto ‘valor-desejo’, o sujeito reduzido a um equivalente-geral.<sup>182</sup>

Fingermann ressalva que *o discurso capitalista contribui para a perversão do humano, e para seu curto-circuito. É o humano, assevera, conectando o seu curto circuito pulsional com uma oferta incessante de imagens e objetos que assediando a sua demanda, curto-circuitam assim a humanidade de seu desejo*<sup>183</sup>. E indaga, mas afinal, como o humano existe na montagem atual do *eu- mais- tudo- sempre - o melhor- demais – mais ainda?*

O sujeito é um oco sem autoria acurada, é que nos lança a psicanálise. Logo, sem um objeto correspondente, análogo à ordem da necessidade, da oferta e da procura, da compra e venda. Manter o enigma para não ser devorado ou sustentar que, no desvelar do *Enigma da Esfinge*<sup>184</sup>, o que temos é nada mais que do que o próprio enigma chamado sujeito, é o desafio, a provocação e o desaforo da sustentação da existência do desejo, que não há nada que lhe corresponda. A única analogia possível é a inexistência de um objeto, a completa ausência de um objeto *sob medida*.

Conforme Bastos & Jorge<sup>185</sup> nos aferem, “o capitalismo propõe erigir um Bem nos bens, o que se observa no movimento de aquisição e acumulação de mercadorias (...).” E de pronto, acrescentam, “ele promove uma ética avessa à psicanálise: se a psicanálise propõe que não há um Bem Supremo, tendo sua ética pautada pelo desejo, o capitalismo propõe uma ética dos bens, os bens do capital”. O capitalismo produz uma realidade aliciada pela promessa de um ‘bem’ que não chegará nunca. Um bem maior, um bem - melhor. E assim, alicia o que é da ordem do sujeito, “trata-se de uma cultura engodada com a falsa promessa de se encontrar a Coisa nos objetos através da idealização (...) operando uma degradação da Coisa ao nível dos objetos que pululam no mercado”.<sup>186</sup> *Hay un solo malestar em la civilización: el discurso Capitalista*.<sup>187</sup> Estamos destinados a trivialidade deste cotidiano comum? A bela parcela de segregação sossegada na história passada e presente?

---

<sup>182</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>183</sup> FINGERMANN, D. *Os Destinos do Mal: Perversão e Capitalismo*. In: Por Causa do Pior. São Paulo: Iluminuras, 2005.

<sup>184</sup> VERNANT, J-P. *O universo, os deuses, os homens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

<sup>185</sup> BASTOS, F. C. P.; JORGE, M. A. C. *O discurso do Capitalista: discurso da anti-sublimação*. Texto Inédito.

<sup>186</sup> Idem

<sup>187</sup> ALEMÁN, J. *op. cit*, 2003. p. 29

Maurano<sup>188</sup> chama atenção quando nos conta: *acho mesmo que podemos dizer que a psicanálise serve para percebermos a vida e o mundo pela lente da beleza do que se movimenta, do que não se aquieta. Se isso implica um certo desassossego, uma certa falta de asseguramento, uma certa confrontação com o risco das mudanças, esse é o preço a ser pago pelo que está vivo.* O desafio maior que este estudo propõe talvez seja *destituir o herói épico*<sup>189</sup> que observamos nos tornar com o fascínio do atual, quando estamos de posse de um novo objeto, insígnia fálica do mercado. Destituir a falácia do capitalismo, pois o capitalismo não é da ordem do trivial e nem assunto para ser deixado à posteridade. Ele é o que conduz ao ultraje. Nossa escolha pela psicanálise, é que esta possa, sobretudo, “iluminar o assunto dos homens, homens em tempos sombrios”<sup>190</sup>, para que olhos e ouvidos não se destinem a estar sossegados nas sombras. Suscita-se que possamos sobreviver *aos absurdos ofertados como uma flor*<sup>191</sup> na atualidade.

Estas são as indagações deste estudo, e são com estas *inconclusões* que finalizamos.

---

<sup>188</sup> MAURANO. Op. cit., 2003. p. 23

<sup>189</sup> Idem. p. 28

<sup>190</sup> HANNAH, A. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

<sup>191</sup> Álvaro de Campos. *Opinário*. In: FERNANDO, P. *Poesia – Álvaro de Campos*: edição Teresa Rita Lopes – São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 62

## 6. Referências

- ALBERTI, S. (s/d) **O discurso do capitalista e o mal-estar na cultura**. Disponível em: [www.gradiva.com.br/egrad.htm](http://www.gradiva.com.br/egrad.htm). Acesso em 18.06.08
- Álvaro de Campos. **Opinário**. In: FERNANDO, P. *Poesia – Álvaro de Campos*: edição Teresa Rita Lopes – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- ABREU, C. F. **Morangos Mofados**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ALEMÁN, J. **Derivas del Discurso Capitalista: notas sobre psicoanálisis y política**. Buenos Aires: Miguel Gómez Ediciones. 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e Simulações**. Lisboa: Relógio D'Água, 1996 .
- \_\_\_\_\_. **El crimen perfecto**. Barcelona: Anagrama, 1996.
- BASTOS, F. C. P; JORGE, M. A. C. **O discurso do Capitalista: discurso da anti-sublimação**. (Texto Inédito).
- CALLIGARIS, C. **Perversão – um laço social?** Salvador: Cooperativa Cultural Jaques Lacan, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A Sedução Totalitária**. In: Aragão, L. T. (Org.). **Clínica do Social**. São Paulo: Escuta, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O laço social, sua produção e a psicanálise**. In: Che moi? Psicanálise e Cultura, Ano 1, num. 1, 1986. Cooperativa Cultural Jacques Lacan. Porto Alegre.
- COSTA, A. **Corpo e Escrita: relações entre memória e transmissão da experiência**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- DIAS, M. D; FINGERMAN, D. **Por Causa do Pior**. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio Janeiro: Contraponto, 1997.
- ENRIQUEZ, E. **Da horda ao Estado**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- FERNANDO, P. **Poesia – Álvaro de Campos**: edição Teresa Rita Lopes – São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- FINGERMAN, D. **Os Destinos do Mal: Perversão e Capitalismo**. In: Por Causa do Pior. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Tradução de Jairo Gerbase e Clarice Gatto em 1969 com o título original “Qu'est-ce un auteur? In: FOUCAULT, M. *Ditos e Escritos: Estética – literatura e pintura, música e cinema* (vol. III). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

- FREUD, S. (1913/1996). **Totem e tabu**. In: *Edição Estandard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XIII). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_. (1921/1996) **Psicologia de grupo e análise do ego**. In: Edição Estandard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (vol. XVIII). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1927/1996). **O Futuro de uma Ilusão**. In: *Edição Estandard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXI). Rio de Janeiro: Imago.
- \_\_\_\_\_ (1930/1996). **O Mal-estar na Civilização**. In: *Edição Estandard Brasileira das Obras Psicológicas Completas* (Vol. XXI.). Rio de Janeiro: Imago.
- GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2008
- GARCIA-ROSA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 18 ed. - Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2001.
- GONÇALVES, L. H. P. **O Discurso do Capitalista: uma montagem em curto-circuito**. São Paulo: Via Lettera, 2000.
- GUTIÉRREZ, Pedro Juan. **Animal Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- HANNAH, A. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das letras, 2008
- JORGE, M. A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan - o grande Freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In: DORIS. R.; JORGE, M. A. C. (Orgs). **Saber, Verdade e Gozo: leituras de O seminário, livro17, de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.
- \_\_\_\_\_. **A travessia da fantasia na neurose e na perversão**. Estudos de Psicanálise. Publicação anual do Circulo Brasileiro de Psicanálise - Rio de Janeiro. N° 29 Set/2006.
- \_\_\_\_\_. **Ninguém é Substituível**. Prefácio. In: **Por Causa do Pior**. São Paulo: Iluminuras, 2005
- LACAN, J. (1901/1981). **Os Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.
- \_\_\_\_\_ (1970/1992). **O Seminário, Livro XVII: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- \_\_\_\_\_ (1972). Du discours psicanalitique. In: **Lacan en Itáliaie** (p. 32-54). Paris: Éditions du Seuil. (Texto não publicado)
- \_\_\_\_\_ (1973/1985). **O Seminário, Livro XX: Mais ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

\_\_\_\_\_ (1974/1993). **Televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LE RIDER, J.; PLON, M.; RAULET, G.; REY-FLAUD, H.; REY-FLAUD, H. **Em torno de o mal-estar na cultura**, de Freud. São Paulo: Escuta, 2002.

LISPECTOR, C. **A Hora da estrela**. 18ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

MAURANO, D. **Para que serve a psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

\_\_\_\_\_. **Em tempos de Qualidade Total...** Texto publicado em *Documentos*, n.13, ano IV, maio 2000.

MEGALE, F. C. S. **Discurso e Laço social: debates entre a análise de discurso e a psicanálise lacaniana**. Tese de Doutorado apresentada na Universidade do Estado de São Paulo. 2003

OLIVIERI, F. A atmosfera, lugar de objetos agalmático. In: **Saber, verdade e gozo: leituras do seminário livro 17 de Jacques Lacan**. RINALDI, D.; JORGE, M, A, C. (orgs.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

PACHECO, R. P. **O Capitalismo neoliberal e seu sujeito**. In: *Mental*, junho, ano/vol. II, n. 04.

PACHECO, R. P. **O Capitalismo na mira da psicanálise**. Conferência na Universidade de São Paulo, Nov/2007.

\_\_\_\_\_. **O conhecimento da sociedade e da cultura: a contribuição da psicanálise**. In: *Psicologia e Sociedade – Revista da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO)*, 9 (1/2), jan./dez. 1997.p.124-138.

PEIXOTO, C. A. J. **Metamorfoses entre o sexual e o social. Uma leitura da teoria psicanalítica da perversão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

PIERRAKOS, M. A **“batedora” de Lacan**. São Paulo: Perspectiva, 2005

POLLO, V. **Segregação e violência em sujeitos e adolescentes**. 2008. Anais de congresso. Disponível em: <http://www.fundamentalpsychopathology.org/8-cong-anais>.

POMMIER, G. **Freud apolítico?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

QUINET, A. **Psicose e Laço Social: esquizofrenia, paranóia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

RINALDI, D.; JORGE, M, A, C. (orgs.). **Saber, verdade e gozo: leituras do seminário, livro 17 de Jacques Lacan**. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

REY-FLAUD, H. Os fundamentos metapsicológicos de o mal-estar na cultura. In: LE RIDER, J.; PLON, M.; RAULET, G.; REY-FLAUD, H. **Em torno de o mal-estar na cultura**, de Freud. São Paulo: Escuta, 2002.

ROSA, M. D.; CARIGATO, T.; BERTA, S. L. **Ética e Política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas.** *Ágora/RJ*, v. IX, p. 35-48, 2006.

ROSA, M. D. **Viver em tempos sombrios: do gozo à experiência compartilhada.** Texto inédito.

ROSA, M. D. **Gozo e política na psicanálise: a toxicomania como emblemática dos impasses do sujeito contemporâneo.** In: Traumas/org. Ana Maria Rudge; Betty Fuks et. al.-São Paulo: Editora Escuta, 2006.

SAINT-EXPÈRY, A. **O pequeno príncipe.** 43 ed. Rio de Janeiro. Editora: Agir, 1996.

SAFATLE, V. P. **Depois da culpabilidade.** In: Dunker, Christian; Aidar, José Luiz. (Org.). *Zizek Crítico: política e psicanálise na época do multiculturalismo.* São Paulo: Hacker Editores, 2005, p. 119-138.

STEFFEN, R. **Psicanálise – Século XXI.** Texto Introdutório à Obra de S. Freud, apresentado, na sede da Associação Campinense de Psicanálise. Março /2006. (Publicação interna – Associação Campinense de Psicanálise).

\_\_\_\_\_. **Homens que não amadurecem, mulheres que não envelhecem: relações amorosas na contemporaneidade.** Dez /2006. (Publicação interna – Associação Campinense de Psicanálise).

SOUZA, O. **Reflexão sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica.** In: Aragão, L. T. (Org.). *Clínica do Social.* São Paulo: Escuta, 1991.

VERNANT, J-P. **O universo, os deuses, os homens.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

VOLTOLINI, R. **O discurso do capitalista, a psicanálise e a educação.** In: *Linguagem e gozo.* Nina Virginia de Araújo Leite, Suely Aires, Viviane Veras, (orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. **A “inclusão” conduz ao pior.** Colóquio do LEPSI do IP?FE-USP. Disponível em: <http://www.procedings.scielo.br/scielo>. Acesso em: 16.01.09

\_\_\_\_\_. **Do contrato pedagógico ao ato analítico: contribuições à discussão da questão do mal-estar na educação.** *Estilos da Clínica*, v. 6, num.10, 2001.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)